



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS PROFISSIONAL
EM REDE (PROFLETRAS) - UNIDADE ITABAIANA**

SORAYA SOUZA DE CARVALHO

**POESIA EM SALA DE AULA MEDIADA PELA
INTERTEXTUALIDADE E PELAS TDIC**

Orientadora: Christina Bielinski Ramalho

Itabaiana – SE

2016

SORAYA SOUZA DE CARVALHO

**POESIA EM SALA DE AULA MEDIADA PELA
INTERTEXTUALIDADE E PELAS TDIC**

Trabalho apresentado como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Ensino do Mestrado Profissional em Rede – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho.

Orientadora: Christina Bielinski Ramalho.

Itabaiana – SE

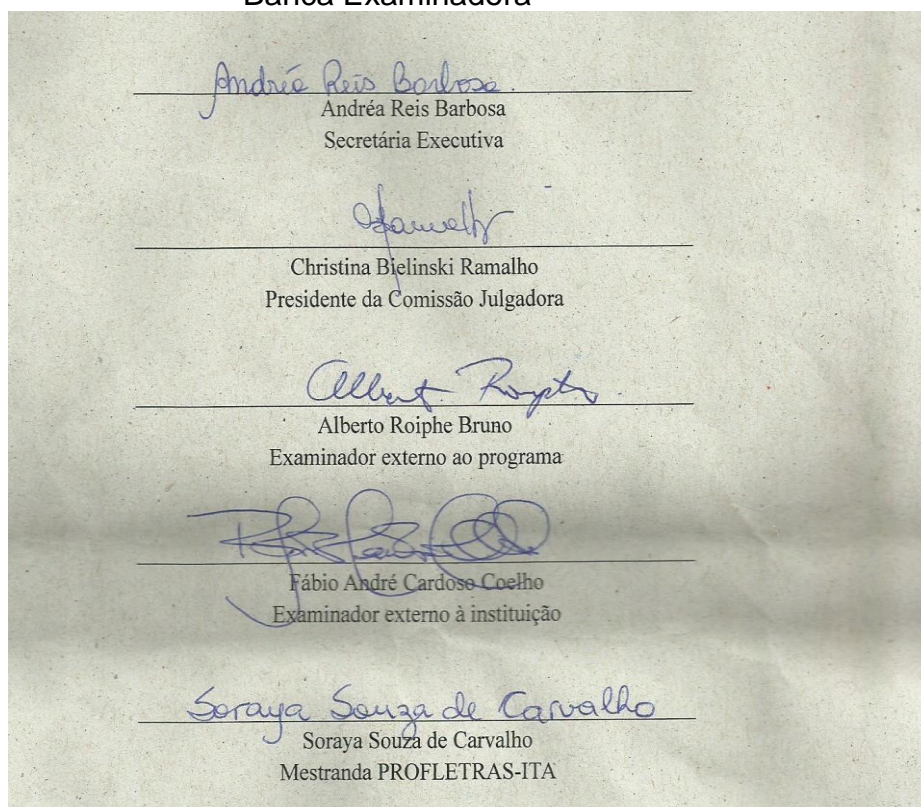
2016

SORAYA SOUZA DE CARVALHO

**POESIA EM SALA DE AULA MEDIADA PELA INTERTEXTUALIDADE
E PELAS TDIC**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre no Mestrado Profissional de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho.

Banca Examinadora



Aprovada em 01 de dezembro de 2016

Itabaiana – SE

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA PROFESSOR
ALBERTO CARVALHO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Carvalho, Soraya Souza de.

C331p Poesia em sala de aula mediada pela intertextualidade e
pelas TDIC / Soraya Souza de Carvalho; orientadora Christina
Bielinski Ramalho. – Itabaiana, 2016.

92f.;

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) –
Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Leitura. 2. Poema. 3. Mediação. 4. Interdisciplinaridade.
5. TDIC. I. Ramalho, Christina Bielinski. II. Título.

CDU 028.6

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força e proteção, por guiar-me em cada passo dessa jornada, por orientar meus pensamentos e por colocar em meu caminho cada uma das pessoas que contribuíram para a concretização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos meus pais, pelo dom da vida; e, em especial, à minha mãe, por abdicar de si, para que suas filhas pudessem ter alternativas na vida, tivessem o poder de escolha nos caminhos a trilhar.

À minha orientadora, professora Christina Bielinski Ramalho - profissional apaixonada pelo que faz, um ser humano acessível, uma intelectual iluminada - por compartilhar seus conhecimentos e pela orientação, sem a qual o presente trabalho não se realizaria.

À escritora Helena Parente Cunha, autora do livro *Impregnações na floresta, poemas amazônicos*, pela concessão dos direitos autorais da obra.

Aos meus colegas de trabalho e amigos e, em especial, aos professores de Geografia e de Artes, Luciano e Luciana Fonseca, que contribuíram para a concretização da ação interdisciplinar deste trabalho, compartilhando os conhecimentos específicos de suas áreas.

À CAPES (Coordenação de Apoio de Pessoal de Nível Superior), pela disponibilidade de bolsa durante o curso.

E a todos aqueles, que direta ou indiretamente, contribuíram para que um objetivo, uma meta se concretizasse.

RESUMO

Este projeto foi elaborado a partir da necessidade de se redimensionar a qualidade do trabalho com a leitura de poesia, com o objetivo de promover a leitura literária de forma interativa, promovendo a integração de conteúdo curricular – leitura e interpretação, através de linguagens lúdicas (leitura cinematográfica, ilustrações) e tecnológicas (leitura oralizada gravada e editada fazendo uso de ferramentas tecnológicas tais como o celular, o computador e uma mídia reprodutora, no caso um CD) a conceitos básicos do gênero poema, a interdisciplinaridade (atividades ligadas às áreas de Artes e Geografia) e a transdisciplinaridade (abordando questões culturais e ambientais), de forma a comprovar que é possível desenvolver um trabalho multimodal que prime pela melhoria da qualidade da educação através de ações em que os maiores beneficiários serão os alunos que se tornarão leitores literários habituais. A pesquisa teve como *corpus* literário a obra *Impregnações na floresta, poemas amazônicos* de Helena Parente Cunha, trabalhada com estudantes do 6º e do 9º. ano do Ensino Fundamental, à luz das fundamentações teóricas dos educadores Bordini e Aguiar, Bortoni-Ricardo, Antônio Candido, Alfredo Bosi, Roxane Rojo, entre outros. A metodologia aplicada foi a semiológica de Bordini e Aguiar, onde, a partir de um livro de poemas, explorou-se a leitura dos poemas em interface com a leitura cinematográfica do filme *Tainá, uma aventura na Amazônia*, produção de Pedro Carlos Rovai, dirigida por Sergio Bloch, resultando em um livro e em um CD contendo respectivamente, os poemas da obra *Impregnações na floresta, poemas amazônicos* de Helena Parente Cunha, ilustrados (desenho e pintura) e em áudio (leitura oralizada e gravada) .

Palavras-chave: Leitura; Poema; Mediação; Integração; Interdisciplinaridade; TDIC.

ABSTRACT

This project was elaborated from the need to re-dimension the quality of the work with the reading of poetry, with the objective of promoting literary reading in an interactive way, promoting the integration of curricular content - reading and interpretation, through playful languages (reading Cinematographic, illustrations) and technological (oralized reading recorded and edited making use of technological tools such as cellular, computer and a reproductive medium, in the case a CD) to basic concepts of the genre poem, interdisciplinarity (activities related to the areas of Arts And geography) and transdisciplinarity (addressing cultural and environmental issues), in order to prove that it is possible to develop a multimodal work that focuses on improving the quality of education through actions in which the greatest beneficiaries will be the students who will become habitual literary readers . The research had as literary corpus the work *Impregnations in the forest*, Amazonian poems of Helena Parente Cunha, worked with students of 6º and 9º. Year of Primary Education, in the light of the theoretical foundations of educators Bordini and Aguiar, Bortoni-Ricardo, Antônio Candido, Alfredo Bosi, Roxane Rojo, among others. The applied methodology was the semiological one of Bordini and Aguiar, where, from a book of poems, the reading of the poems was explored in interface with the cinematographic reading of the film *Tainá*, an adventure in the Amazon, production of Pedro Carlos Rovai, directed By Sergio Bloch, resulting in a book and a CD containing respectively the poems of the work *Impregnations in the forest*, Amazonian poems by Helena Parente Cunha, illustrated (drawing and painting) and audio (oralized and recorded reading).

Keywords: Reading; Poem; Mediation; Integration; Interdisciplinarity; TDIC.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO 1 | 13 |
| CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS | 13 |
| 1.1. Conceito de literatura | 13 |
| 1.2. Leitura de poema na escola | 18 |
| 1.3. As tecnologias da informação e da comunicação no contexto escolar | 22 |
| 1.4. Intertextualidade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade | 24 |
| 1.5. Leitura oralizada..... | 26 |
| 2. APRESENTAÇÃO DO CORPUS E DO ESPAÇO TEMÁTICO DE INTERAÇÃO ENTRE AS OBRAS..... | 28 |
| 2.1. Amazônia, espaço de interação entre as obras | 28 |
| 2.2. Apresentação do livro de poemas <i>Impregnações na floresta, poemas amazônicos</i> de Helena Parente Cunha..... | 29 |
| 2.3. Sinopse do filme <i>Tainá - uma aventura na Amazônia</i> | 35 |
| CAPÍTULO 2 | 36 |
| UMA LEITURA MULTISSEMIÓTICA DE UM LIVRO DE POEMAS..... | 36 |
| 2.1. ETAPAS DO MÉTODO MULTISSEMIÓTICO..... | 37 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 43 |
| REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO | 46 |
| ANEXOS | 52 |

INTRODUÇÃO

Os livros de poemas devem ter margens largas e muitas páginas em branco e suficientes claros nas páginas impressas, para que as crianças possam enchê-los de desenhos – gatos, homens, aviões, casas, chaminés, árvores, luas, pontes, automóveis, cachorros, cavalos, bois, tranças, estrelas – que passarão também a fazer parte dos poemas... (QUINTANA, Mário. apud CARVALHAL, Tânia Franco-org. 2008, p.166)

Meu interesse em estudar o poema em sala de aula surgiu da necessidade de encontrar alternativas metodológicas para dinamizar as aulas de Língua Portuguesa, em virtude da intensa utilização de artefatos tecnológicos como computadores portáteis e telefones celulares pelos alunos, provocando a dispersão, e conseqüentemente, prejudicando a aprendizagem. Somando-se a isso, observei no cotidiano da sala de aula alunos realizando leituras deficientes, levando-me a investigar as causas e ao mesmo tempo encontrar alternativas para sanar tais problemas. Nessa busca, deparei-me com a leitura da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, em sua terceira edição (2012, p. 10), promovida pelo Instituto Pró-Livro e aplicada pelo Ibope Inteligência.

Segundo os dados dessa pesquisa – *Retratos da leitura no Brasil*, realizada em 2011 e divulgada em 2012 –, reveladora de dados que servem de orientação para responder à pergunta “Como despertar no jovem o gosto pela leitura?” “Quais práticas são efetivas na mediação da leitura?” – o Brasil tem hoje 88,2 milhões de leitores, ou seja, cerca de 50% da população. Ao serem questionados sobre o que lhes impede o acesso às obras, a pesquisa apontou em primeiro lugar (78%) a falta de interesse; em segundo a falta de tempo (50%); apontou também que em seu tempo livre as pessoas preferem assistir tevê (85%) e ouvir música ou rádio (52%); a opção pela leitura aparece em sétimo plano (28%). Ressalta, no entanto, que houve maior fidelização dos leitores aos livros, dados comparados com a edição de 2007: na última edição, os dados apontaram que 49% leem mais, ante os 40% da edição anterior, equivalendo a um acréscimo de cerca de 5 milhões de leitores. O índice de leitura por prazer subiu para 75%, contra os 70% anterior. A média de livros lidos em casa aumentou de 25, em 2007, para 34 em 2011.

Uma vez que o gênero literário poema é uma arte que pode ser trabalhada a partir de qualquer idade, em todas as séries do ensino básico e que serve para estimular a criatividade e a imaginação, alimentar o vocabulário, facilitar a escrita, melhorar a comunicação com os outros e despertar para o senso crítico, vi no poema uma alternativa para responder a esses questionamentos: “como despertar o jovem para a leitura? ”, “quais práticas são efetivas na mediação da leitura? ”. Para tanto, elaborei um projeto de intervenção, baseado em um roteiro de atividades que privilegiassem o potencial educativo da poesia, valorizando a apreciação, estimulando a leitura oralizada, percebendo as especificidades da linguagem poética em diálogo com a pluralidade textual em circulação e, ao mesmo tempo incorporasse os aparelhos celulares às práticas didático-pedagógicas, contribuindo tanto para o letramento literário quanto para o letramento tecnológico; que privilegiasse a diversidade cultural valorizada, dominante, contemporânea, mas também a cultura de massa, potencializando o diálogo multicultural; e que contemplasse ainda, a premissa dos PCNs de Língua Portuguesa (2001) de que para tornar os alunos bons leitores capazes de desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola precisa mobilizá-los internamente— insistindo sobre a necessidade de a escola formar leitores que ultrapassem os limites estreitos de suas práticas exclusivamente escolares, conhecendo e compartilhando da diversidade textual vivenciada por seus alunos.

No artigo *Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos*, Rojo (2000, p.36-37) coloca que,

ao final do “Tratamento didático de conteúdos”, os PCNs de Língua Portuguesa(1998b, p. 87-88) sugerem e incentivam a adoção de organizações didáticas diferenciadas e alternativas, no qual apresenta o projeto, que se encaixa neste perfil, por ser definido como a organização didática que tem um objetivo compartilhado por todos os envolvidos, que se expressa em um produto final em função do qual todos trabalham e que terá, necessariamente, destinação, divulgação e circulação social” na escola ou fora dela, apresentando como vantagens a flexibilização do tempo, o compromisso e o envolvimento dos alunos com as atividades e com a própria aprendizagem; a inter-relação necessária entre as práticas de uso da linguagem e de reflexão sobre a linguagem; e seu caráter interdisciplinar e a possibilidade que apresentam de tratamento dos temas transversais.

Assim, a presente pesquisa, que consiste no desenvolvimento de um projeto de ação, conforme explicitado acima, foi desenvolvida em uma unidade de ensino onde exerço a docência como professora de Língua Portuguesa em turmas

do Ensino Fundamental e Médio. Iniciei o presente trabalho no ano letivo de 2015, com alunos do 9º ano, observando a turma selecionada, em seguida realizei uma entrevista para verificar as práticas de letramento e um questionário para conhecer o “caminho de leitura” (Geraldi, 2011, p.98) dos discentes em observação. Principei, então, a pesquisa bibliográfica, buscando nesta, alternativas que contribuíssem para estimular, sedimentar e aprimorar as práticas de leitura, através do planejamento das atividades de leitura a serem desenvolvidas. Opção feita pela leitura pautada na interação temática entre a leitura de um livro de poemas– resultando na ilustração de poemas, como forma de interpretação–, e um filme, com vistas a ampliar a abordagem temática– através de pesquisas e debate (acompanhado por um professor de Geografia, confirmando a interdisciplinaridade).

Em 2016, retomei o projeto, com alunos do 6º ano, realizado entre os meses de março a setembro de 2016, obedecendo aos mesmos procedimentos iniciais aplicados com a turma de 9º ano: observação, entrevista e aplicação de questionário para verificar, respectivamente, as práticas de letramento e o “caminho de leitura” dos discentes, seguida da aplicação da estratégia de leitura selecionada para ser desenvolvida com esta turma, a saber, a leitura oralizada– gravada em celular e transposta para uma mídia (no presente caso, um CD)– de poemas selecionados do *corpus* literário em questão, promovendo inovações metodológicas no ensino de língua portuguesa a partir das contribuições da leitura literária de poemas em diálogo com as tecnologias da informação e da comunicação, estabelecendo elos de ligação entre a prática de leitura escolar e as modalidades de leitura vivenciadas pelos alunos, como a gravação de áudios transmitidos via aplicativos de mensagens instantâneas, como o “Whatsapp”, pois, segundo a professora Christina Ramalho (Revista da Anpoll nº 36, 2014, p. 330-370), no artigo *O poema na sala de aula como tema* “é importante que o professor tenha constante disposição para, neste mundo globalizado e informatizado, estabelecer diálogos entre o poema e outras linguagens”.

Apresentada a justificativa da pesquisa, sigo agora apresentando os capítulos. No primeiro capítulo do presente trabalho teço as considerações teóricas que fundamentam a justificativa e objetivos em questão,

pautados nas teorias de educadores como, Bordini e Aguiar, Bortoni-Ricardo, Antônio Cândido e Roxane Rojo.

No segundo capítulo apresento o método selecionado, a saber, o método semiológico apresentado por Bordini e Aguiar, visto que este método foi o mais condizente com os objetivos propostos: a leitura literária em sala de aula fazendo uso do gênero poema, integrando linguagens, promovendo a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

Na sequência teço as considerações finais, onde ratifico o significado e a importância da leitura do poema no espaço da sala de aula, ressaltando os benefícios do hábito da leitura para os estudantes e onde defendo a ideia que partilho com Olson (1997, p. 29-30, apud Gebara, 2012, p.12), de que “a leitura transforma os próprios pensamentos em objetos de contemplação.”

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

1.1. Conceitos de literatura e de poema

Segundo Vincent Jouvét (2012, p.29-30), a palavra “literatura” vem do latim *literatura* e no século XVI designava erudição. Ter literatura era possuir um saber, consequência natural de uma soma de leituras.

Leitura, hoje, mesmo a literária, incorpora a concepção semiológica que considera toda forma de conhecimento humano como linguagem, sua riqueza polissêmica nos permite interpretá-la de inúmeras formas. Segundo a professora Maria Zaira Turchi (in: Gomes, 2009,p.45):

A leitura não é uma atividade isolada: encontra, ou deseja encontrar pistas, reconhecer detalhes, estabelecer conexões, instaurar uma atitude dialógica entre leitor e texto, ajudar a dar sentidos e a interpretar.

Para Ezra Pound, literatura é linguagem carregada de significado utilizada para a comunicação (2013, p.35), produzida como um texto integrado ou integrável num modo, num gênero ou subgênero e lido à luz de normas e convenções arquitextuais (Aguiar e Silva, 2006, p.580): os textos literários combinam o padrão estético com os diferentes elementos da língua privilegiando a mensagem pela própria mensagem.

No livro *O estudo analítico do poema*, Antônio Candido (2006, p. 18-19) afirma que embora varie as acepções conforme as línguas, em português, literatura é o conjunto das produções feitas com base na criação de um estilo que é finalidade de si mesmo e não instrumento para demonstração ou exposição; mais restritamente, é o conjunto de obras em estilo literário que manifestam o intuito de criar um objeto expressivo, fictício na maior parte; e que a poesia, forma suprema de atividade criadora da palavra, revestida de caráter superior dentro da literatura porque todos os gêneros nobres eram cultivados em verso, difere da prosa por apresentar espaço maior ou menor no que concerne à separação dos acentos: a prosa surge quando mais de cinco sílabas átonas se seguem umas às outras.

A poesia não se restringe apenas ao verso e ao metro podendo haver poesia em prosa e poesia em verso livre. Todo estudo real da poesia pressupõe a interpretação, que pode inclusive ser feita diretamente, sem recurso ao comentário, que é essencialmente o esclarecimento objetivo dos elementos necessários ao entendimento adequado do poema que forma a maior parte da análise. Cândido (2006, p.22-29), acrescenta ainda que não há comentário válido sem interpretação, embora possa haver interpretação válida sem comentário. O comentário é uma espécie de tradução, feita previamente à interpretação, inseparável dela essencialmente, mas teoricamente podendo consistir numa operação separada. A análise comporta praticamente um aspecto de comentário puro e simples, que é o levantamento de dados exteriores à emoção poética, sobretudo dados históricos e filológicos comportando um aspecto já mais próximo à interpretação, que é a análise propriamente dita, o levantamento analítico de elementos internos do poema, sobretudo os ligados à sua construção fônica e semântica, resultando na decomposição do poema em elementos, chegando ao pormenor das últimas minúcias. Análise e interpretação representam os dois momentos fundamentais do estudo do texto, isto é, os que poderiam chamar respectivamente o “momento da parte” e o “momento do todo”, completando o círculo hermenêutico, ou interpretativo, que consiste em entender o todo pela parte e a parte pelo todo, a síntese pela análise e a análise pela síntese.

Para Cândido (2006, p. 37), todo poema é basicamente uma estrutura sonora que pode ser altamente regular, muito perceptível, determinando uma melodia própria na ordenação dos sons, ou pode ser de tal modo discreta que não se distingue da prosa. Além da melodia e da harmonia próprias à palavra poeticamente ordenada em verso, regular ou livre, há certos fonemas que despertam sensações ou emoções. A expressividade do som em uma palavra é explicada por Saussure (*apud* Cândido, p.45), que afirma: “o signo linguístico (palavra) é composto por um significado e um significante. O significante é uma imagem acústica e o significado é o conceito que a palavra transmite. ” Citando Damaso Alonso, Cândido (2006, p.47) diz:

Os significantes não transmitem conceitos, mas delicados complexos funcionais. Um significante (uma imagem acústica) emana do sujeito que fala de uma carga psíquica de tipo complexo, formada geralmente por um conceito, por súbitas afinidades, por sinestesias obscuras, profundas.

Significado é uma carga complexa. O significado é sempre complexo, e dentro dele se pode distinguir uma série de significados parciais.

Como exemplo de uma teoria que afirma a existência de correspondências entre a sonoridade e o sentimento, Cândido(2006, p.49) apresenta a seguinte citação de Maurice Grammont :

Pode-se pintar uma ideia por meio de sons; todos sabem que isso é praticável na música, e a poesia, sem ser música, é [...] em certa medida uma música; as vogais são espécies de notas.

Nosso cérebro associa e compara continuamente; classifica as ideias, dispõe-nas por grupos e ordena no mesmo grupo conceitos puramente intelectuais com impressões que lhe são fornecidas pelo ouvido, a vista, o gosto, o olfato, o tacto. Resulta disso que as ideias mais abstratas são quase sempre associadas a ideias de cor, som, cheiro, secura, dureza, moleza. Diz-se correntemente na linguagem mais comum: ideias graves, leves, sombrias, turvas, negras, cinzentas; ou, ao contrário, luminosas, claras, resplandecentes, largas, estreitas, elevadas, profundas; pensamentos doces, amargos, insípidos...etc.

Continua citando Maurice Grammont ao destacar que o som por si só não produz efeitos se não estiver ligado ao sentido:

Em resumo, todos os sons da linguagem, vogais ou consoantes, podem assumir valores precisos quando isto é possibilitado pelo sentido da palavra em que ocorrem; se o sentido não for suscetível de os realçar, permanecem inexpressivos. É evidente que, do mesmo modo, num verso, se há acúmulo de certos fonemas, estes fonemas se tornarão expressivos ou permanecerão inertes conforme a ideia expressa. O mesmo som pode servir ou concorrer para exprimir ideias bastante diversas umas das outras, embora não possa sair de um círculo a que é limitado pela sua própria natureza. Não há ideia, por mais simples, que não seja complexa, e os seus diversos elementos, os seus diversos matizes, podem ser expressos pela vizinhança e pelo concurso de sons diferentes. O mesmo ocorre evidentemente no verso, isto é, num verso expressivo há sempre vários elementos diversificados que entram em jogo na expressão (*apud* Cândido, p.50).

Em relação à rima, principal recurso usado para obter a sonoridade do verso, tem por função principal criar recorrências do som marcante, contínua e nitidamente perceptível no poema. A distinção mais importante que convém reter é a que distribui as rimas em Consoantes e Toantes. Além da rima, há outras homofonias, como a repetição de palavras, de frases e de versos, que se chamam Recorrência ou Anáfora.

O ritmo, no poema, é uma forma de combinar as sonoridades das combinações de fonemas que são as sílabas e os pés; a alternância de passos regulares; a mudança de sonoridades mais fracas e mais fortes, formando uma unidade configurada expressiva. O ritmo é a alma, a razão de ser do movimento

sonoro e da expressão estética do poema. Os tipos possíveis de verso regular nas línguas românicas são classificados em função das sílabas poéticas que contêm. As contagens das sílabas variam no tempo e no espaço. Ao número de sílabas poéticas de um verso chama-se metro. Ao número de segmentos rítmicos chama-se ritmo. Cada metro ou esquema silábico obtido pela reunião de sílabas poéticas pode ter vários correspondentes rítmicos. Os metros podem ter uma distribuição variada de acentos tônicos, ou seja, várias modalidades acentuais de ritmos. É possível dar uma expressão numérica a este fato, escrevendo 'decassílabo 4,8,10 ou 4 – 8 – 10, entendendo-se que se trata de um verso de dez sílabas com acentos tônicos respectivamente na 4ª, 8ª e 10ª.

O verso se compõe de palavras, que é a unidade de trabalho do poeta e a peça que compõe o verso. O ritmo cria a unidade sonora do verso; as palavras criam a sua unidade conceitual; a unidade sonora e a unidade conceitual formam a integridade do verso, que é a unidade do poema. Verso, unidade do poema, cuja alma é o ritmo, e não o metro. O verso pode ser metrificado (distribuição de acentos formando as unidades rítmicas) ou livre (de base conceitual e não sonora, intensificada por imagens ousadas, corte de sonoridade e de sentido, choque de contrários)

As unidades expressivas são palavras e combinações de palavras dotadas de um significado próprio que o poeta lhes dá, e que se tornam condutoras do significado do poema, ou seja, linguagem poética. O poeta pode usar as palavras na acepção corrente, aceita por um grupo ou pode usar as palavras dotadas de uma acepção que ele cria, e que pode ou não se tornar convencional. O poeta cria a sua linguagem oscilando entre a afirmação direta e o símbolo hermético. O poeta mais eficaz é o que consegue tratar o elemento intelectual como se pudesse ser sensorialmente traduzido, e não abstratamente expresso – capacidade de representar a realidade por meio de palavras que sugerem sensações, visões, tatos, ideias, denotando uma excepcional força de captação das coisas e dos sentimentos, que por sua vez revela a intensidade sensorial e intelectual. A analogia está na base da linguagem poética, pela sua função de vincular os opostos, as coisas diferentes, e refazer o mundo pela imagem apropriada, por essa razão a unidade rítmica do verso é função do significado traduzido em imagens apropriadas.

Já em relação ao destino das palavras, no poema, as palavras se comportam de modo variável, adquirindo significados diversos. Há de se distinguir a linguagem direta da linguagem figurada. Na linguagem direta o conceito é transmitido no seu sentido exato, o significado não sofre nenhuma alteração. Já a linguagem figurada, pode ser subdividida em linguagem figurada espontânea– que representa simplesmente um modo normal da expressão humana– e em linguagem figurada elaborada– construída com intenção definida, visando a determinação do efeito. Na linguagem literária ocorrem igualmente as duas modalidades de expressão, o poeta usa as palavras em sentido próprio e em sentido figurado, ambos colaborando para o efeito poético total.

Antônio Cândido (2006) abordou também, as figuras de linguagem: comparação ou símile(identificação de realidades diversas efetuadas apenas pela proximidade, que desencadeia a aproximação desejada pelo poeta); metáfora(transferência semântica mais ligada a uma necessidade profunda de expressão, parecendo criar uma realidade diversa, que se apresenta na sua integridade sem justificativa, sem desculpas, sem recurso a um elemento discursivo de prova que nos arraste para o universo prosaico da razão e da lógica); alegoria(representação corporificada de um conceito abstrato por meio de um signo, uma descrição, uma pequena sequência narrativa).

Das alterações particulares de sentido das palavras, a metáfora é a mais importante e a mais frequente; é um tipo especial de imagem que se baseia na possibilidade de estabelecer uma semelhança mental subjetiva entre objetos diferentes, abstraindo-se os elementos particulares para salientar o elemento geral, que assegura a correlação. Mais radical do que a imagem, suprime o elemento comparativo e opera uma transfusão de sentido entre objetos diferentes, processo facilitado pela polissemia que cria para ela uma espécie de campo favorável e uma espécie de justificativa ancorada na arbitrariedade do signo linguístico. A liberdade e amplitude da metáfora decorrem do caráter subjetivo da relação que ela estabelece entre os objetos. A mudança de sentido faz da imagem e da metáfora, um recurso admirável de reordenação do mundo segundo a lógica poética; mas a metáfora vai mais fundo, graças à transposição, abrindo caminho para uma expressividade mais agressiva, que penetra com força na sensibilidade, impondo-se pela analogia criada

arbitrariamente. A metáfora, tanto comum quanto literária, pressupõe os seguintes elementos: semelhança, comparação subjetiva, abstração, transposição e formação de uma nova realidade semântica de caráter simbólico. O estudo destes elementos conduz a uma série de etapas de ordem lógica, psicológica e estética. Neste sentido, podemos distinguir por alto, três etapas: 1) retórica, classificação dos tropos; 2) historicista, forma primordial de expressão, explicando-se pelo seu entrosamento em certo tipo de visão do mundo que abrange todos os aspectos da civilização e representa uma fase de desenvolvimento da sociedade; 3) psicológica, considerada primordialmente em função da estrutura do espírito e de seu modo de imaginar.

Em síntese, a linguagem poética caracteriza-se pela subjetividade (expressa emoções e sentimentos), pela polissemia (possui múltiplos significados) e pelo uso dos recursos sonoros, como o ritmo e a rima. Distingue-se da prosa,

As marcas distintivas com que caracterizávamos o texto lírico, atinentes sobretudo aos planos semântico e pragmático, correlacionam-se indissoluvelmente com outras marcas distintivas do texto lírico atinentes ao plano da forma da expressão. Embora o modo lírico se possa manifestar em textos em prosa, ele manifesta-se predominantemente, quer sob o ponto de vista estatístico, quer sob um ponto de vista de uma axiologia estética, em textos em poesia, entendendo-se o termo poesia *stricto sensu*. Esta oposição entre poesia e prosa, colocada num plano técnico, formal e semântico, e liberta dos liames idealistas que tão frequentemente a têm obscurecido, identifica-se com a oposição versificado/não versificado, caracterizando-se por conseguinte o texto poético como aquele texto literário – termo não marcado relativamente a texto poético e a texto prosástico – que se particulariza pelo fato de nele se atualizarem normas e convenções reguladas pelo código métrico e pela interdependência semiótica relevante que nele se verifica entre este código a todos os outros códigos do polícódigo literário, em particular o código fônico-rítmico. O verso constitui assim o elemento distintivo do texto poético e constitui elemento necessário da forma da expressão do texto lírico. Observe-se, por outro lado, que o texto poético pode manifestar tanto o modo lírico como o modo narrativo e o modo dramático e os seus respectivos gêneros e subgêneros: poema épico, poema herói-cômico, tragédia e comédia em verso, etc. (Aguar e Silva, 2006, p. 590-591).

1.2. Leitura de poema na escola

A leitura, a literária, favorece a descoberta de sentidos de uma forma mais abrangente, totalitária, pois a riqueza polissêmica da literatura nos permite interpretá-la de inúmeras formas (Bordini, 1998, p.13); necessária em todas as situações da nossa vida e em especial na escola, pois esta é responsável pela sistematização dos conhecimentos e é seu papel hoje orientar para as

transformações sociais considerando o respeito e a tolerância para com a pluralidade de seres humanos com os quais convivemos próxima ou distanciadamente; assim, para que o aluno avance em sua aprendizagem, é importante que o professor, planeje situações significativas de leitura, através da seleção de um *corpus literário* que conduza seus alunos a uma leitura reflexiva, relevante e comprometida ideologicamente.

Argumentos confirmados por Moura e Martins (in: Bortoni-Ricardo, 2012, p. 88-91) ao afirmarem que “a mediação pedagógica da leitura é um trabalho que exige a compreensão da leitura como uma atividade social, dinâmica que exige do leitor, além de conhecimentos linguísticos, conhecimento de mundo para processar as informações contidas no texto” e, assim sendo, “exige do professor grande interação com o aluno e com o texto, a compreensão do seu papel social docente e, ao mesmo tempo, conhecimentos sobre processos interativos, o que implica uma formação continuada e a percepção da necessidade de realizar a mediação”.

E, no artigo *descobrimos novas formas de leitura e de produção de textos*, Maria Teresa de Assunção Farias (in: Rojo, 2000, p.65), citando os PCNs diz que

a formação do leitor e escritor só será possível na medida em que o professor se apresentar para o aluno como alguém que vive a experiência da leitura e da escrita. O professor, além de ser aquele que ensina conteúdos, é alguém que transmite o valor que a língua tem, demonstrando o valor que a língua tem para si. Se o professor tem uma relação prazerosa com a leitura e a escrita certamente poderá funcionar como um mediador para seus alunos.

Maria do Rosário Mortatti Magnani (2001), na obra *Leitura, literatura e escola, sobre a formação do gosto* ao investigar as relações entre leitura, literatura e escola procurando considerar as questões relativas às origens, caracterização e delimitação históricas da literatura infanto-juvenil, atentando para o fato de que um dos critérios para seleção e utilização de livros de literatura, em Português, é o que se amolda ao gosto dos alunos. Chama a atenção ainda para o fato de que o leitor infanto-juvenil traz em seu gosto marcas do aprendizado de leitura, a partir da exposição, desde muito cedo, aos produtos da indústria cultural e ao contexto social em que vive; defende também que, o gosto pela leitura e pela literatura se forma e que a escola, na pessoa do professor, assim como o mercado editorial desempenha importante papel na formação do gosto, pois a criança e o jovem que

são estimulados serão eternos leitores. Dessa forma, cabe ao professor, no seu papel de orientador, refletir sobre “que leitor estou formando” e conduzir de forma equilibrada e consciente o desenvolvimento desse processo.

No tocante à leitura de poemas em sala de aula é uma prática didático-pedagógica que deve estar inserida no cotidiano da sala de aula em virtude de ser uma arte que tem o poder de transportar o leitor para o mundo da fantasia, da imaginação, servir como entretenimento, provocar alegria ou tristeza, emocionar; permite ainda, que o leitor viva outras vidas, sinta outras emoções e sensações – oferecendo um descanso dos problemas cotidianos, quando descortina o espaço do sonho e da fantasia. Pode ainda constituir-se numa investigação sobre a condição humana: questionando e ajudando a construir a identidade do leitor– ao entrar em contato com a sua história, lhes dá a chance de compreender melhor seu tempo, sua condição e responde a indagações comuns a todos os seres humanos; aprimorando o conhecimento do mundo (do passado, do presente, da mentalidade de uma época, de outras civilizações); ou denunciando a realidade, cumprindo o papel reflexivo e de transformação social.

No artigo intitulado “*Prática da leitura na escola*”, João Vanderley Geraldi(2011, p.92-99) afirma que a leitura, enquanto estudo do texto, assim como em Língua Portuguesa, também é realizada nas disciplinas curriculares de História, Geografia, Ciências etc., chamando a atenção para o fato de que, nestas disciplinas seja menos artificial do que a leitura realizada nas aulas de Língua Portuguesa, em virtude do fato de nestas disciplinas está um pouco mais claro para o aluno o “para quê” extrair as informações X ou Y de um texto. Sugere ainda uma tipologia de vivências de leitura do texto que inclui as seguintes posturas:

- a) A leitura - busca de informações, tem como característica básica, extrair informações - a busca de informações com roteiro previamente elaborado (pelo próprio autor ou por outro) e a busca de informações sem roteiro previamente elaborado, sendo que no primeiro caso, lê-se o texto para responder questões estabelecidas e no segundo, lê-se o texto para verificar que informações ele dá.
- b) A leitura – estudo do texto, para a qual o autor apresenta um roteiro que pressupõe a identificação da tese defendida, dos argumentos e contra-

argumentos levantados em torno da tese e a coerência entre tese e argumentos, podendo ser esses tópicos desdobrados em outros que verifiquem a veracidade e a validade dos argumentos apresentados;

- c) A leitura do texto – pretexto (para o aluno e para o professor): a leitura do texto como pretexto para outra atividade define a interlocução que se estabelece com outras modalidades textuais - a ilustração, o desenho, produção de outros textos, etc., são exemplos de interlocuções proveitosas, interessantes e produtivas; são vivências de leitura que favorecem a compreensão e a interpretação do texto;
- d) A leitura - fruição do texto pretende recuperar a experiência do prazer de ler por ler – gratuitamente, sem interesse pelo controle de resultados e que está presente em qualquer texto (literário e não literário) onde o “para quê” ler está interligado à informação pelo prazer gratuito de estar informado. Para tanto, o autor sugere que recuperemos da nossa vivência de leitores três princípios a saber: primeiro, o caminho do leitor –considerar suas leituras é essencial; segundo, o circuito do livro, que se estabelece livremente, por indicação de colegas, pela curiosidade, pela capa, pelo título, etc.; terceiro, propiciar ao aluno o maior número de leituras.

O autor diz também que, diante de qualquer texto, qualquer uma das relações (posturas) de interlocução com o texto/autor é possível, e a professora Maria Nilma Goes da Fonseca (Geraldini,2011, p.108) complementa: “com um mesmo texto, um leitor poderá realizar os quatro ‘tipos’ de interlocuções apontados”. Diz ainda que:

A multiplicidade de leituras que um mesmo texto pode ter não nos parece resultado do próprio texto em si, produzido em condições específicas, mas sim resultado dos múltiplos sentidos que se produzem nas diferentes condições de produção de leitura. Em cada leitura, mudadas as condições de sua produção, temos novas leituras e novos sentidos por elas produzidos. Assim, ainda que o interlocutor-leitor seja o mesmo, mudados os objetivos de sua leitura, estarão alteradas as condições de produção e, portanto, o processo.

Pensando na formação do leitor literário com vistas à realização de leituras que satisfizessem o “para quê” da leitura, o roteiro de atividades desta pesquisa buscou aplicar aos textos selecionados as vivências sugeridas por Geraldini

acima descritas, privilegiando a formação do leitor literário de poemas em diálogo com a multiplicidade de gêneros e suas formas de circulação, potencializando o diálogo multicultural e a inserção das TDIC.

Pelos motivos supracitados no parágrafo anterior e na introdução deste projeto de pesquisa, escolhi o livro de poemas *Impregnações na floresta, poemas amazônicos* de Helena Parente Cunha (obra que segundo a autora “celebra uma viagem mística-ecológica pela Amazônia”), pois além de favorecer a formação do leitor literário de poemas, também contribuiria para ampliar o conhecimento geral dos alunos (explorando o papel social da literatura, através da abordagem de questões culturais suscitadas pela leitura do *corpus* selecionado); permitiria ainda o desenvolvimento de conteúdos curriculares de língua portuguesa(tais como a leitura e a interpretação de textos) e dos conceitos básicos do poema; favoreceria a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade; e, em diálogo com a leitura do filme *Tainá, uma aventura na Amazônia*, estabelecesse elos com outras linguagens, como a cinematográfica, “proporcionando, assim, a socialização do indivíduo através do acesso a leituras variadas e significativas” (Bordini e Aguiar, 1998, p.10).

1.3. As tecnologias da informação e da comunicação no contexto escolar

Com o advento das novas tecnologias da comunicação novas práticas, estão sendo introduzidas no cotidiano escolar, ressignificando, desse modo, a aprendizagem, (re)construindo novas práticas, princípios e saberes. Assim, gradativamente, os professores estão introduzindo em sala de aula estratégias metodológicas que contemplem a ludicidade, como jogos, produções artísticas e culturais e as tecnologias da informação e da comunicação como instrumentos mediadores do processo ensino-aprendizagem em virtude de serem atividades significativas, produtivas e próximas à realidade do educando, contribuindo para a leitura, análise, reflexão e produção sobre o que acontece no mundo ao seu redor, estabelecendo conexões entre o conhecimento científico e as experiências dos discentes.

Diante do quadro conceitual aqui exposto, a escola, em seu papel de garantir sua função de formar cidadãos autônomos, responsáveis e, no contexto de uma sociedade globalizada e altamente técnica, alfabetizados tecnologicamente, vê-

se desafiada a integrar curricularmente as Tecnologias da Informação e Comunicação às experiências educativas de estudantes e professores, no sentido de possibilitar o desenvolvimento de experiências inovadoras de educação. Para tanto, a escola precisa implementar propostas metodológicas visando garantir e acompanhar a evolução, a inovação, a informação tecnológica dos seus discentes. Ao que Edsônia de Souza Oliveira Melo *et al* (Rojo,2012, p.148) diz:

As novas práticas discursivas decorrentes das tecnologias de informação estão atraindo os alunos para uma nova realidade social. As práticas de linguagem da alta modernidade impulsionam o professor a promover ainda mais mudanças em sua ação docente com vistas a garantir maior motivação e bons resultados no desenvolvimento dos nossos alunos.

A leitura oralizada, gravada em um aparelho celular e transposta para um CD ou outra mídia via computador para construir um objeto educacional, um audiolivro, é aqui tomada como um recurso tecnológico cujo objetivo é responder ao desafio de usar a tecnologia a favor do ensino. O audiolivro é um artefato de reprodução do som, que dispensa a presença física do intérprete (ou leitor) para se ouvir uma história, é um meio de se comunicar e de se demonstrar, por um conjunto de articulações teóricas, a importância de se suspender momentaneamente a dicotomia olho-ouvido porque é apresentado em um formato editorial que pouparia o ouvinte do uso da visão e é tido como uma alternativa para quem tem pouco tempo a dedicar a um livro em papel ou na tela, sendo uma opção, então, que implicaria em economia de tempo e de atenção, por possibilitar seu uso em paralelo a outra tarefa, nas palavras de Rafael de Oliveira Barbosa em dois artigos que se complementam, a saber, *Um olhar sobre o audiolivro e as materialidades de seus suportes - da performance do corpo aos primeiros livros falados* e *Problemas e perspectivas no estudo das práticas de leitura com audiolivros* citando Thomas Edison (1878, p.533, tradução livre) diz:

Livros podem ser lidos por um recitador profissional disposto à caridade, ou por leitores especialmente empregados para esse propósito, e as gravações do tal livro podem ser usadas em asilos para cegos, hospitais, quartos de convalescentes, ou até em grande benefício e entretenimento para a senhora ou senhor cujos olhos e mãos podem estar de alguma outra maneira em uso; ou, novamente, por conta do maior divertimento que se pode ter com o livro quando lido por um recitador do que quando lido por um leitor mediano. A folha de gravação comum, que irá repetir esse livro entre 50 e 100 vezes, exigiria um valor que pagaria bem ao recitador original

devido à dificuldade ligeiramente maior para leitura em voz alta ao fonógrafo.

As professoras Maria Elizabeth de Almeida e Maria da Graça Moreira da Silva, no artigo *Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo* (<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>), no tocante às Tecnologias da Informação e da Comunicação, na educação, coloca o assunto da seguinte forma:

Entendemos que as TDIC na educação contribuem para a mudança das práticas educativas com a criação de uma nova ambiência em sala de aula e na escola que repercute em todas as instâncias e relações envolvidas nesse processo, entre as quais as mudanças na gestão de tempos e espaços, nas relações entre ensino e aprendizagem, nos materiais de apoio pedagógico, na organização e representação das informações por meio de múltiplas linguagens.

A disseminação e uso das tecnologias digitais, marcadamente dos computadores e da internet, favoreceu o desenvolvimento de uma cultura de uso das mídias e, por conseguinte, de uma configuração social pautada num modelo digital de pensar, criar, produzir, comunicar, aprender-viver. E as tecnologias móveis e a web 2.0, principalmente, são responsáveis por grande parte dessa nova configuração social do mundo que se entrelaça com o espaço digital.

O uso dessas TDIC permite estabelecer relacionamentos e conexões entre distintos contextos de práticas sociais, aninhados em diversos suportes digitais (textos, imagens, vídeos, áudios, hipertextos, representações tridimensionais) interativos, que propiciam aos inter-atores a escolha dos elementos (nós) e caminhos a seguir, criando as próprias narrativas, ou seja, produzindo uma nova obra e tornando-se coautor da obra original (MANOVICH, 2005). Desse movimento emerge um novo significado, que integra novas a velhas mídias e formas de representação do pensamento.

1.4. Intertextualidade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade

O conceito que nos permite entender por que a leitura desfaz as divisões entre as diferentes áreas do saber é o conceito de intertextualidade (Kleiman, 2007,

61-70), considerada uma propriedade constitutiva do texto, entendido aqui como, toda construção cultural que adquire um significado devido a um sistema de códigos e convenções, podendo combinar linguagens, e não se limitando apenas ao que está no texto, mas gerando significados a partir do resultado de suas intersecções com outros.

A intertextualidade refere-se às relações existentes entre os diferentes textos que permitem que um texto derive seus significados de outros ao incorporar modelos, vestígios, até estilos de outros textos ou outros gêneros, remetendo-se a estes tanto no passado como apontando para outros no futuro; podendo aparecer sob diversas tipologias (Koch,2012,p.17-18), cada qual com características próprias, como por exemplo: a intertextualidade temática, a intertextualidade estilística; a intertextualidade explícita, a intertextualidade implícita; a auto textualidade, a intertextualidade com textos de outros enunciadores. É também, um fenômeno cumulativo, pois quanto mais se lê, mais se detectam vestígios de outros textos naquele que se está lendo e mais fácil se torna perceber as suas relações com outros objetos culturais e, portanto, mais fácil é sua compreensão; além disso, a intertextualidade nos remete ao pensamento interdisciplinar e transdisciplinar.

Segundo Ivani Fazenda (2013, p.17-21), a interdisciplinaridade parte do princípio de que nenhuma forma de conhecimento é em si racional, dialoga com outras formas de conhecimento, interpenetra-se por elas, aceita o conhecimento do senso comum como válido, dando sentido às ações da vida. Dialoga também com o conceito de transversalidade, que diz respeito à possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real e de sua transformação (aprender na realidade).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL,1998,29-30)

Ambas – transversalidade e interdisciplinaridade– se fundamentam na crítica de uma concepção de conhecimento que toma a realidade como um conjunto de dados estáveis, sujeitos a um ato de conhecer isento e distanciado. Ambas apontam a complexidade do real e a necessidade de se considerar a teia de relações entre os seus diferentes e contraditórios aspectos. Mas diferem uma da outra, uma vez que a interdisciplinaridade refere-se a uma abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento, enquanto a transversalidade diz respeito principalmente à dimensão da didática.

Para Amélia Hamze (in:<https://www.brasilecola.com.br>), a interdisciplinaridade oferece uma nova postura diante do conhecimento, uma mudança de atitude em busca do contexto do conhecimento, em busca do ser como pessoa integral, visando garantir a construção de um conhecimento globalizante, e portanto, rompendo com os limites das disciplinas. Assim, um pensar nesta direção exige um projeto em que causa e intenção coincidam; que consiga captar a profundidade das relações conscientes entre pessoas e entre pessoas e coisas, orientando não apenas para o produzir, mas para o que surja espontaneamente, no suceder diário da vida. Nas palavras de Ivani Fazenda (2003, p. 20-21):

No projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se. A responsabilidade individual é a marca do projeto interdisciplinar, mas essa responsabilidade está imbuída do envolvimento – envolvimento esse que diz respeito ao projeto em si, às pessoas e às instituições a ele pertencentes.

1.5. Leitura oralizada

No artigo *O oral como texto: como construir um objeto de ensino* (Dolz e Schneuwly, trad. Rojo, 2004, p.125-153) embora a linguagem oral esteja bastante presente nas salas de aula (nas rotinas cotidianas, na leitura de instruções, na correção de exercícios etc.), não é ensinada.

Esse tipo de leitura ocorre mais comumente nos primeiros anos de escola, no trabalho de certos profissionais, e em raras situações para a maioria das pessoas. A leitura oral é vista, em geral, como devendo ser a realização plena da língua padrão, é feita não somente por quem lê, mas pode ser dirigido a outras pessoas, que também “leem” o texto ouvindo-o. O domínio do oral se desenvolve, primeiramente, nas e pelas interações das quais as crianças participam na escola (na pré-escola e nos primeiros anos do ensino fundamental através da leitura de histórias), na família (conversando com seus pares).

Ouvir histórias é uma forma de ler. A diferença entre a leitura oral e a fala está em que a fala é produzida espontaneamente, ao passo que a leitura é baseada num texto escrito. Ouvir uma leitura equivale a ler com os olhos.

A leitura oral, falada ou ouvida, processa-se foneticamente de maneira semelhante à percepção auditiva da fala. A leitura visual, falada ou silenciosa, além

de colocar em funcionamento o mesmo mecanismo de percepção auditiva da fala para a decodificação do texto, precisa colocar em ação os mecanismos de decifração da escrita, pois a leitura é um ato linguístico e está essencialmente presa a todo mecanismo de funcionamento da linguagem, da língua específica que está sendo lida porque toda linguagem é constituída de significado e significante.

Ainda segundo Dolz e Schneuwly (trad. Rojo, 2004, p.126), para utilizar a leitura oral numa perspectiva didática de um procedimento sistemático de intervenções ao longo do ensino fundamental, é necessário definir claramente as características do oral a ser ensinado. Na presente pesquisa, a leitura oral foi utilizada como objeto de ensino-aprendizagem, numa ótica pedagógica e didática visando melhorar a prosódia.

A entonação – a altura tonal usual da palavra falada tem uma frequência média variável e particular a cada um e segundo Fontaney (1987, apud Dolz e Schneuwly, trad. Rojo, p.130), a principal função da entonação consiste em marcar o acabamento ou a continuidade do fluxo verbal.

A acentuação, o recorte sintático e o recorte silábico de um enunciado obrigam a que se utilize um certo número de acentos, que sequencializam o fluxo da fala e lhe conferem um ritmo; mas paralelamente a esses acentos rítmicos, mais ou menos restringidos pela língua, encontra-se também uma categoria de acentos de intensidade que resultam da livre escolha do locutor, de certa maneira, de seu estilo vocal/e ou de sua intenção.

O ritmo, tem uma função demarcadora; o grupo de fôlego é um grupo delimitado pelas pausas de respiração, de hesitação, ou por pausas que se podem qualificar de gramaticais, à medida que estejam ligadas ao acento final.

Assim, a leitura oral como objeto de ensino-aprendizagem esteve a serviço da leitura de textos escritos, poemas especificamente (porque o presente trabalho parte da leitura de um livro de poemas), mas aperfeiçoando a prosódia como um todo no cotidiano dos alunos.

2. Apresentação do corpus e do espaço temático de interação entre as obras

2.1. Amazônia, espaço de interação entre as obras

A Amazônia Legal, que compreende os Estados do Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Roraima, Amapá, Mato Grosso, Tocantins e o oeste do Maranhão, totalizando 4.990.520 quilômetros, representando 58% da superfície brasileira (definida pelo Governo Vargas em 1953), essa região foi mantida por muito tempo isolada do resto do país, devido à localização geográfica e à carência de meios de transporte e de comunicações. Foi a partir da implantação de programas de integração nacional do Governo Vargas (1930), que se verificou uma sensível melhora nos meios de comunicação e de transporte, a qual se fez acompanhar também pelo aumento do fluxo migratório de habitantes do Nordeste e do Sudeste para os estados amazônicos (Dutra, 2002, p.26).

A região amazônica, considerada a maior reserva de madeira tropical do mundo e conhecida por seus enormes estoques de borracha (extraída da seringueira), castanha-do-pará e diversas espécies medicinais, oleaginosas, frutíferas e ornamentais, destaca-se também por sua fauna, com aproximadamente 1.300 espécies de aves, como mutuns, inhambus, araras, papagaios, periquitos, tucanos, araçarís e muitas espécies de passarinhos; outro grupo, que também apresenta cerca de 1.300 espécies, é o dos peixes, entre elas, espécies de interesse comercial, como o pirarucu, o tucunaré, o filhote, o aruanã, o curimatá, o dourado, o tambaqui e o pacu (Rios, 2013, p.48).

Historicamente, a Amazônia brasileira se caracteriza pelos sucessivos atentados contra os direitos do homem, pela violação da cultura indígena e pela agressão contra os camponeses que para ali migraram no início do século. A luta pela terra se torna o elemento comum entre os segmentos, criando relações de dependência e conflitos sucessivos entre indígenas e posseiros, indígenas e grileiros, posseiros e grileiros ou indígenas, posseiros, grileiros, latifundiários, fazendeiros e empresários; contando também com a participação de jagunços e pistoleiros, polícia, advogados e outros representantes da burocracia privada e pública. Após a implantação de uma política agrícola de sustentação dos empresários e descaso com a população local, instaurou-se na Amazônia o

nomadismo rural de indígenas e colonos - abandonando suas terras em razão da ausência de meios de sobrevivência, da inacessibilidade aos créditos, da inexistência de assistência técnica e das vantagens na hora da legalização de seus direitos sobre as terras ocupadas. Enormes pedaços de terras indígenas ou devolutas passam a ser vendidos a grandes fazendeiros, empresários ou grileiros e, os antigos proprietários ou habitantes expulsos ou transformados em mão-de-obra quase gratuita (Dutra, 2002, p.26).

2.2. Apresentação do livro de poemas *Impregnações na floresta, poemas amazônicos* de Helena Parente Cunha

Helena Parente Cunha é autora de poetisa, contista, romancista, ensaísta e crítica literária. Para Murilo Melo Filho, no prefácio da obra *Caminhos de quando e além: diálogo com poemas de Fernando Pessoa*, também de autoria de Helena Parente Cunha, “uma admirável produtora de versos, inspirada, reflexiva, rítmica, emotiva e sentimental”. Escritora contemporânea, com inúmeras obras publicadas, entre elas: *Jeremias, a Palavra poética: Uma leitura de Cassiano Ricardo* (1979); *O lírico e o o trágico em Leopardi* (1980); *Mulheres inventadas 1: visão psicanalítica, descompromissada e interdisciplinar de textos na voz masculina* (1977); *Desafiando o cânone, aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia-anos 70/80* (1999). Obras poéticas: *Corpo no cerco* (1968); *Maramar* (1980); *Além de estar* (2000); *O outro lado do dia: poemas de uma viagem ao Japão* (1995); *Cantos e cantares* (2005). Contos: *Os provisórios* (1980); *Cem mentiras de verdade* (1985); *A casa e as casas* (1996); *Vento, ventania, vendaval* (1998). Romance: *Mulher no espelho* (1982); *As doze cores do vermelho* (1989); *Claras manhãs de Barra Clara* (2002).

Impregnações na floresta: poemas amazônicos, obra de sua autoria selecionada como corpus do presente projeto de pesquisa celebra uma viagem “mística-ecológica pela Amazônia”, uma viagem desejada e esperada como comprova o poema “A partida tão antiga” (p.35)

A partida tão antiga

A partida tão antiga

desejada e de amor cumprida
 começou por começar
 até hoje
 eu me espreito todos os dias
 debruçada no presságio
 de poder ir sem voltar
 de não chegar nem partir

O livro está dividido em duas partes: a primeira parte, caracterizada como “Impregnações no sentir”, exprime suas impressões sensoriais sobre a Amazônia a partir de elementos que a rodeiam, para tanto faz uso de figuras de linguagem como a sinestesia, exemplificada no poema “Nosso navegar” pelos versos: “*vamos suspensas/ no fino suspiro/ do respirar vegetal/ de nossas fáceis narinas*” (p.45); ainda sobre a primeira parte do livro aqui referendado, utilizando as palavras da autora: “trata-se de breves flashes de encantamento perante tanta grandiosidade”, comprovando-se pelos seguintes poemas:

A floresta começa

A floresta começa
 no voo deste sanhaçu
 e na miragem estremecida
 deste ramo e desta flor
 debaixo das úmidas águas
 na ultrapassagem do rio
 (p.35-36)

Cabana flutuante

Minha varanda de madeira
 da cabana flutuante
 mergulha nas dobras
 fluidos recantos
 deste rio ancestral

no móvel novelo
de folhas e raízes
e rápidos brilhos
e camadas submersas
se penetram os caminhos
da floresta acontecida
(p.36-37)

Próxima chegada

Por estas águas flutua
a cabana de madeira
onde mora e se demora
sem pressa nem hora certa
minha próxima chegada
(p.37)

Agora?

A mão desliza
entre as ramagens submersas
e embaraçadas
junto aos matagais
dos igarapés

agora
é agora?

Ou era
antes de ser
quando foi?

(p.39-40)

A segunda parte do livro, denominada “Impregnações no olhar para ver”, apresenta poemas descritivo-narrativos sobre temas amazônicos, como o poema *Os rios dois* (p.69), que trata do encontro das águas do rio Negro com o rio Solimões:

Os dois rios

As águas morenas
do rio Negro
e as águas foscas
do rio Solimões
fluíam
e se eximiam
lado a lado
cada qual no seu pedaço
(fragmento)

Os poemas “Vitória régia” (p. 71-72) e “As Amazonas” (p. 73-77), abordam, respectivamente, as lendas indígenas da Vitória Régia e das Amazonas; além dos poemas “Na cabana do Pajé” (p.78-82) e “De volta para Juremar” (p.83-84), que descrevem, respectivamente, a visita a uma comunidade indígena e a reflexão sobre ritos e crenças indígenas.

Vitória régia

A lua cabia
nos olhos abertos das águas
e se perfazia
na fluidez noturna da lagoa
uma índia enamorada
foi ao encontro da lua
refletida em alvo brilho
no fundo espelho das águas
no profundo das retinas

mergulhou quanto e por quando
atrás da intacta morada

onde o sinal do caminho?
Onde a medida perfeita
de se fazer uma estrela?

Mas a índia enamorada
mudada em flor da lagoa
é mandala desdobrada
em outras muitas mandalas
vestindo o corpo das águas
acolhendo em seus redondos
o étereo redondo da lua
nas modulações da noite
a límpida flor escondida
sob os lábios das mandalas
desabrocha o branco viço
sob as pétalas do luar

e a índia enamorada
agora flor e estrela
insinua seus rosados
no oscilante amanhecer
do céu moreno da lagoa

As Amazonas

Onde estão as Amazonas
que não trancaram os portais
contra a fúria de invasores?
E não armaram emboscadas
para expulsar vendilhões?

Onde estão as Amazonas
que não salvaram a memória
da cidade submergida?
(fragmento)

Na cabana do pajé

E era o Pajé
e a cabana
e os índios
e éramos nós
À procura do que era
E do que é
à procura do que era
e do que é
e do que não era nem é
no desvendar dos caminhos
no decifrar dos abismos

éramos a espera de ver
no olhado e no visto
o renovado invisível

e a espera de ouvir
no escutado desgastado
o inaudível liberado
de palavras não havidas
e cantos jamais cantados
(fragmento)

2.3.Sinopse do filme *Tainá - uma aventura na Amazônia*

O filme *Tainá, uma aventura na Amazônia*, dirigido por Tânia Lamarka e Sérgio Bloch, produzido por M.A. Marcondes e Pedro Rovai, conta as aventuras de Tainá, uma criança indígena, órfã que vive com seu avô, Tigê, na região amazônica, convivendo intimamente com a floresta e seus animais. Podendo ser comparada ao personagem da lenda *Curupira* (citado no filme pelo traficante Shoba), Tainá é considerada uma guardiã da floresta - fato comprovável pela cena em que consegue salvar um pequeno macaco, apelidado de Catu, de cair nas garras de um traficante, tornando-se assim seu amigo.

Protegida por um amuleto, uma pedra muiraquitã, deixado por Tigê, Tainá segue defendendo a floresta, destruindo armadilhas e impedindo que muitos animais sejam capturados. Perseguida pelo traficante Shoba e seus ajudantes, Boca e Biriba, que não desistiram de capturar o macaquinho Lagothrix, pois não conseguiram enganar Miss Meg (pesquisadora estrangeira, interessada no macaquinho para ser utilizado em suas pesquisas), enviando-lhe um macaco de outra espécie, a indiazinha conhece Rudi, um solitário piloto de hidroavião que vive num porto flutuante às margens do rio Negro, que a leva para morar em uma pequena vila onde reside a bióloga Isabel e seu filho Joninho, que a contragosto está acompanhando a mãe em suas pesquisas científicas. O convívio entre eles se torna difícil e Tainá resolve deixar a vila, mas Joninho, que já planejava uma "fuga" para pregar uma peça na mãe, a segue e terá que aprender com ela a sobreviver na floresta.

Descobrimos que foram enganados por Shoba, Miss Meg e Smith (seu ajudante), vêm para o Brasil em busca do macaquinho Lagothrix. Ao chegarem a Manaus, embarcam no hidroavião de Rudi, que os leva à casa de Isabel, onde eles descobrem que a bióloga está fazendo pesquisa similar à deles e que o resultado deste trabalho está em um disquete, que Joninho levou, sem saber, em sua mochila. Dessa forma, eles descobrem que não precisam mais do macaco, bastando portanto achar o disquete e assim roubar todas as informações que precisam (Disponível em: <https://www.tainá.com.br>. Acesso em 01/10/2016).

CAPÍTULO 2

UMA LEITURA MULTISSEMIÓTICA DE UM LIVRO DE POEMAS

Segundo Santaella (2012, p.19), a semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis e, por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido. Seus pressupostos estão na teoria originária do chamado Círculo de Bakhtin, que defende a ideia de que a linguagem humana é um produto eminentemente social, decorrente do contato entre seres humanos e portador dos valores das diversas classes da sociedade (Bordini e Aguiar, 1998, p.132).

No tocante à Semiótica literária, a professora Christina Ramalho (2007, p.217) acrescenta:

A Semiótica Literária vem se defrontando com alguns desafios interessantes, entre eles desconstruir a própria imagem de 'sistema fechado' em prol de constituir natureza em termos de gênero literário e também as interpenetrações no nível das manifestações artístico-culturais, ou no nível, portanto, do contexto, pode viabilizar uma ação catalisadora benéfica em termos de revisão das próprias práticas de fruição literária. Tomando como ponto de partida para a investigação da hibridização no texto literário o reconhecimento das instâncias de enunciação envolvidas no processo de significação textual, além das especificidades genéricas interseccionadas, a Semiologia incrementa o *modus operandi* da Teoria literária.

Para Bordini e Aguiar (1998,p.134-135):

Semiólogo é o sujeito capaz de ler a moda, o cinema, a televisão, o esporte, o artesanato, a literatura, a pintura, a culinária a escultura, etc. captando o modo particular do signo a ser combinado com outros em cada uma dessas manifestações e o efeito alcançado sobre o consumidor em termos ideológicos.

Considerando os pressupostos acima apresentados, o método utilizado no presente projeto de pesquisa foi o método semiológico (Bordini e Aguiar, 1998, p. 132-151), centrado sobre a linguagem no seu uso social e tendo por objetivo a transformação da aprendizagem numa prática cotidiana de intercâmbio e coexistência de valores diferenciados, tendo por objetivo: 1. Admitir a diversidade de textos da vida social; 2. Adquirir as normas intencionais do jogo semiológico, posicionando-se criticamente ante elas; 3. Perceber a realização diversa das regras

pelos diferentes sujeitos produtores de signos; 4. Captar as intenções dos textos que transitam no meio social.

2.1. ETAPAS DO MÉTODO MULTISSEMIÓTICO

Passo agora a descrever as atividades planejadas para atingir os objetivos a que me propus na presente pesquisa, constituindo assim o método de trabalho, pautadas nas regras do jogo do método semiológico de Bordini e Aguiar, com o objetivo de priorizar, valorizar e explorar a leitura de poemas, através da interação com linguagens que se aproximam do universo dos estudantes, como a leitura cinematográfica, utilizada como recurso para promover a intertextualidade temática suscitada pelos poemas, tornando-os mais concretos - considerando tratar-se de um público leitor formado por alunos de 9º e 6º ano do ensino fundamental, bem como a dialogicidade entre linguagens erudita e de massa, oferecendo aos alunos leituras culturais diversificadas e comprometidas socialmente.

A presente pesquisa teve como sujeito de estudo alunos do Ensino Fundamental: 27 alunos do 9º ano (2015) com faixa etária entre 15 e 18 anos e 30 alunos do 6º ano (2016) com faixa etária entre 11 e 15 anos. Através da realização de entrevistas informais coletei as seguintes informações: os alunos em sua maioria declararam que gostam de ler; indagados sobre a importância da leitura, ambas as turmas apresentaram como motivos o fato de a leitura contribuir para desenvolver a imaginação, estimular a criatividade, alimentar o vocabulário, facilitar a escrita, melhorar a comunicação com os outros, ampliar o conhecimento geral e despertar o senso crítico; declararam-se leitores habituais, pois leem diariamente; quanto ao tipo de leitura que costumam realizar, declararam-se leitores de romances e revistas; todos os alunos de ambas as salas, afirmaram que a escola incentiva a leitura e que são frequentadores desse ambiente. Questionados sobre as práticas e eventos de letramento que costumam realizar, apontaram que leem bulas de remédio, pagam contas em bancos e casas lotéricas, leem manuais para instalação de produtos e/ou serviços, enviam e recebem mensagens via aplicativos de mensagens instantâneas; quanto aos materiais impressos que têm em casa e que costumam verificar, apontaram que têm bíblias, livros religiosos, dicionários, álbuns, calendários, livros didáticos; costumam usar o computador para escrever trabalhos escolares, pesquisas, comprar pela internet, jogar, navegar e copiar músicas; quanto as

atividades que fazem parte do dia a dia das suas famílias, declararam que ouvem o rádio, vão a shows de música, assistem a programas e noticiários pela tevê.

Diante desse cenário, as informações obtidas permitiram-me traçar o perfil das práticas de letramento praticadas pelos alunos e o conhecimento do seu caminho de leitor, contribuindo para a coleta de textos e o estabelecimento das regras do jogo semiológico adequado, conforme roteiro de atividades que passo a descrever abaixo e que privilegiou o potencial educativo da poesia, valorizando a sua apreciação, estimulando a leitura oralizada, percebendo as especificidades da linguagem poética em diálogo com a pluralidade textual em circulação e, ao mesmo tempo incorporando os aparelhos celulares às práticas didático-pedagógicas, contribuindo tanto para o letramento literário quanto para o letramento tecnológico.

Por tudo isso, a escolha de um livro de poemas e de um filme - retratando respectivamente, uma viagem e uma aventura pela Amazônia - que contemplam a multiplicidade de produções da sociedade e provocam o interesse do público leitor (estudantes do ensino fundamental), no tocante ao conhecimento da Amazônia, proporcionaram o cumprimento das etapas do método, a saber: 1) coleta de textos culturais diversificados; 2) aquisição das regras do jogo semiológico; 3) reconhecimento do uso intencional das linguagens; 4) análise das intenções conformadora ou emancipatórias dos textos; 5) interação dos sujeitos com os textos.

Dessa forma, iniciei o processo observando os alunos da turma selecionada, na qual realizei entrevistas e apliquei um questionário para investigar, respectivamente, as práticas de letramento às quais os alunos estavam habituados e, descobrir se os alunos gostavam de ler, importância da leitura para eles, frequência e tipo de leitura, se a escola incentivava a leitura, se frequentavam a biblioteca escolar, livros que já leram. A partir dessas informações pude traçar o perfil dos alunos e assim começar a coleta de textos diversificados que levariam ao cumprimento dos objetivos pretendidos. Resolvi desenvolver um trabalho de cruzamento de linguagens entre um livro de poemas e um filme, ampliando os seus sentidos com pesquisas na internet sobre a temática selecionada - a saber, conhecimentos sobre a região amazônica-, cumprindo assim com a etapa de aquisição das regras do jogo semiológico - a hibridização, isto é, o cruzamento de linguagens.

Selecionados os textos culturais diversificados passei à etapa de motivação e sensibilização dos alunos. Para cumprir com tal objetivo, cada aluno do 9º ano foi apresentado com o livro de poemas selecionado para o desenvolvimento das atividades. Após a distribuição dos livros, os alunos declamaram os poemas e então tecemos os comentários: questionei-os se haviam gostado do livro, de qual poema haviam gostado, se já ouviram falar da escritora, se leram outros poemas de sua autoria, quem seria o possível público leitor dessa autora, se sentiram motivação para lerem outros poemas. Então ministrei uma aula para verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os fundamentos do poema: se perceberam a sonoridade, rimas, ritmo, expressão de sentimentos, as características da linguagem poética e seus elementos estruturais, cumprindo assim com o reconhecimento do uso intencional da linguagem; ademais, como atividade, solicitei-lhes a ilustração do poema de que mais gostaram, assessorados pela professora de Artes, confirmando assim a interdisciplinaridade, a interação dos sujeitos com o texto, possibilitando também a ludicidade da ação.

Feito isso, a convite e a título de conhecer a turma, a segunda aula foi ministrada pela professora orientadora Christina Ramalho - na qual apresentou a biografia da autora Helena Parente Cunha - para quem os alunos apresentaram as atividades solicitadas na primeira aula: ilustrações dos poemas de que mais gostaram, além de maquetes ilustrando, respectivamente, um modelo de moradia amazônica(a casa de madeira flutuante) e a flor vitória régia, demonstrando a compreensão do que leram, apresentando as suas interpretações - como mencionado no parágrafo anterior, nesta atividade os alunos foram orientados pela professora de Artes da turma.

Para a aula seguinte solicitei-lhes, anteriormente, que realizassem pesquisas na internet sobre a região amazônica: histórica, geográfica e cultural; comunidades indígenas da Amazônia e suas lendas, como a lenda da Vitória Régia, do Curupira, das Amazonas. Então, na terceira aula, realizamos o cruzamento de linguagens entre poemas do livro selecionado como *corpus* do presente trabalho e o resultado da pesquisa na internet. Os poemas selecionados para esta atividade foram *Os rios dois*, *As Amazonas*, *Vitória régia* e *De volta para Juremar*; a realização da pesquisa em consonância com a leitura destes poemas me permitiram

realizar uma aula onde pude comparar a forma estrutural, entrando no âmbito da estética textual, e assim discutir a distinção entre poema e poesia, poema e prosa, percebendo as especificidades da linguagem poética, a dialogicidade temática (conhecimento da região amazônica) e de gêneros (poema/lenda) a inserção das tecnologias da informação e da comunicação, através da pesquisa na internet, contribuindo também para tornar os poemas mais concretos, uma vez que os poemas estão carregados de lirismo e apresentados sob a perspectiva das impressões e imersões interiores do eu lírico.

Para a quarta aula solicitei-lhes uma nova pesquisa, dessa vez sobre a biopirataria e leis de crimes ambientais. Assim, na quarta aula, assistimos ao filme *Tainá, uma aventura na Amazônia* e na sequência iniciamos um debate, cruzando a leitura cinematográfica com os conhecimentos prévios que as pesquisas e a leitura do livro nos forneceu; nesta atividade contamos com a participação do professor de Geografia da turma, que contribuiu para tornar mais claras todas as questões abordadas pelo filme, no tocante aos aspectos geográficos e climáticos da região, bem como sobre problemas como o desmatamento da região e a biopirataria, ampliando o conhecimento geral e cultural dos alunos, mas também dinamizando o debate, favorecendo os comentários e instrumentalizando os alunos no tocante à fundamentação dos seus argumentos e pontos de vista. Destaquei também os aspectos que diferenciam a linguagem literária da linguagem cinematográfica como a ordem temporal, o espaço cênico, efeitos de som e imagem, a presença da câmera, a composição imagem visual-diálogos e a trilha sonora.

Como última atividade, realizamos um sarau lítero-musical para turmas convidadas, onde os alunos declamaram os poemas do livro *Impregnações na floresta, poemas amazônicos*, apresentaram a biografia da autora Helena Parente Cunha e finalizaram com uma apresentação musical.

No período de março a setembro de 2016 retomei o projeto com uma turma de 6º ano, principiando com a observação e aplicação de questionários e, uma revisão dos textos complementares para a realização do cruzamento de linguagens com o *corpus* literário, no caso o livro de poemas *Impregnações na floresta, poemas amazônicos*.

Iniciei o processo de motivação/sensibilização dos alunos com uma atividade dinâmica diferente da aplicada na turma de 9º ano. Para esta turma a estratégia motivacional foi a realização de uma aula de campo em um sítio da localidade, onde realizamos um recital e assim apresentei-lhes a obra a ser trabalhada e a biografia da autora para os alunos e para o proprietário do sítio, cumprindo assim, o processo de sensibilização. Os alunos leram os poemas do livro *Impregnações na floresta, poemas amazônicos* e suas leituras foram gravadas para posteriormente serem transpostas para um CD com a finalidade de serem doados a idosos da comunidade que não soubessem ler, fossem cegos ou que pelo fator idade já não conseguissem realizar o ato de leitura.

Retomando os procedimentos de sala de aula, solicitei-lhes, anteriormente, para a segunda aula que realizassem pesquisas na internet sobre a lenda da Vitória régia. Ao iniciarmos a segunda aula, selecionei o poema Vitória régia (p.71-72) do livro de poemas da autora Helena Parente Cunha; os alunos apresentaram o resultado de suas pesquisas, no caso a lenda da Vitória Régia. Então, pude realizar a sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos a respeito das noções de versificação (verso e estrofe, poema, poesia, prosa) e abordar a diferença entre um texto escrito em versos e estrofes e um texto escrito em linhas e parágrafos; no tocante a dialogicidade temática, foi possível ressaltar que um mesmo assunto pode ser abordado de maneiras diferentes, no caso o tema era o mesmo, a lenda da Vitória Régia, mas a forma como foi apresentada no poema não era a mesma presente na lenda, – embora o assunto ainda fosse o mesmo –, marcando assim, a distinção entre as características dos gêneros poema e lenda .

Para a terceira aula solicitei-lhes, anteriormente, uma nova pesquisa, desta vez sobre a lenda do *Curupira*, sobre quem foi Chico Mendes e sobre a biopirataria. Então, na terceira aula os alunos assistiram ao filme *Tainá, uma aventura na Amazônia*. Após a exibição e comentários sobre as impressões do filme, foi possível fazer o cruzamento de informações entre as personagens dos gêneros em questão (filme, lenda e biografia): a protagonista do filme, Tainá, a personagem da lenda, o Curupira, e o líder comunitário Chico Mendes, atentando para o fato que exerciam o mesmo papel, protegiam a floresta contra a ameaça de invasores; a partir de então discutimos a questão da biopirataria discutida no filme. Também

destaquei as características da linguagem cinematográfica: a construção das imagens, das cenas, da posição da câmera e dos efeitos de sons e imagens.

Finalizando as atividades, os alunos produziram em grupos formados por até cinco pessoas a leitura oralizada – e gravada em um aparelho celular com aplicativo de gravação de voz e depois transposta para um CD, formando assim o produto denominado audiolivro, leitura para se ouvir – de uma seleção, escolha livre dos alunos, de cinco poemas do livro *Impregnações na floresta, poemas amazônicos* de Helena Parente Cunha.

Essas foram as estratégias motivadoras/ sensibilizadoras que promoveram a difusão do trabalho com a leitura e interpretação de poemas em sala de aula, dinamizando o processo de ensino-aprendizagem e contribuindo para a atualização das práticas didático-pedagógicas através do diálogo com a diversidade textual, contribuindo para o multiletramento e promovendo a integração entre a escola e o universo social do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto de pesquisa, como já devidamente apresentado e descrito, foi desenvolvido e aplicado em uma turma de 9º ano e em outra de 6º ano do Ensino Fundamental iniciado em maio de 2015 e finalizado em setembro de 2016. Após a aplicação do roteiro de atividades e observação dos dados cheguei à conclusão que passo agora a relatar:

Considerando os objetivos propostos pelas etapas do método semiológico de Bordini e Aguiar, no que toca à coleta de textos, a seleção textual – tendo por base um livro de poemas contemporâneo (cultura erudita) e um filme (cultura de massa), associados a textos disponíveis na internet (novas formas de leitura e de circulação textual), os quais foram coletados pelos próprios alunos, considerando a orientação temática e de gênero solicitada pelo professor – potencializou o diálogo multicultural a partir da realização de cruzamentos de linguagens (poema e lenda; poema e filme; poema e biografia; poema, filme e lenda; poema, filme e biografia; filme e pesquisa; poema, filme, lenda, pesquisa e debate) porque nos permitiram tecer comparações e distinções atentando para as características de cada gênero, pois o aluno precisa habituar-se a identificar as características e finalidades de cada texto para aprender que cada gênero textual requer um tipo de leitura e compreensão; possibilitaram-nos também realizar a intertextualidade temática, cuja finalidade era favorecer e ampliar os conhecimentos gerais dos alunos sobre o tema selecionado, no caso o conhecimento sobre a região amazônica.

Em relação à terceira etapa do método aplicado, reconhecimento do uso intencional da linguagem, a autora Helena Parente Cunha deixa transparecer no título do livro, *Impregnações na floresta, poemas amazônicos* e na “Conversa mais ou menos necessária” (p. 25) com o leitor: “A Amazônia habita o imaginário e a consciência de muitos de nós...”; na divisão do livro: “*impregnações no sentir*” e “*impregnações no olhar para ver*”; nos poemas: *a partida tão antiga desejada e de amor cumprida...* (p.35), *“a floresta começa/ no voo deste sanhaçu...”* (p.35), *“A floresta tão falada/fotografada e filmada...”* (p.37), *“As águas morenas do rio Negro e as águas foscas do rio Solimões fluíam...”* (p.69), *“uma índia enamorada/ foi ao*

encontro da lua...”(p.71), “*Onde estão as Amazonas/ que não trancaram os portais/ contra a fúria dos invasores?*”(p.73), “*E era o Pajé/ e a cabana/ e os índios/ e éramos nós...*”(p.78). Em todas essas passagens a autora e o eu lírico deixam claro tratar-se de uma viagem a título de conhecimento da Amazônia tão falada e imaginada; deixa claro também que essa viagem foi muito desejada, planejada, idealizada e que os poemas resultam de suas impressões do que vê e sente diante da Amazônia tão imaginada e finalmente concretizada. Quanto ao filme *Tainá, uma aventura na Amazônia*, o título já nos antecipa: vai contar uma história de aventura ambientada na Amazônia, e o nome da protagonista, Tainá, por ser de origem tupi também nos antecipa que tratará das aventuras vividas por uma índiazinha na Amazônia; os diálogos entre personagens nos revela a problemática a ser abordada: a biopirataria, confirmada pelas imagens da diversidade da fauna e flora amazonense; percebe-se também que o filme dialoga com a lenda *O curupira*, pois Tainá, assim como *O Curupira* também é uma defensora da floresta, possibilitando-nos realizar uma segunda dialogicidade, desta vez com *As Amazonas*. Enfim, as duas obras estão repletas de pistas sobre as intenções de seus autores. E, analisando as intenções, quinta etapa do método semiológico, constatamos que ambas as obras apresentavam intenções emancipatórias, permitindo que o leitor formulasse o seu próprio ponto de vista a respeito dos assuntos abordados, constituindo assim a quinta etapa do método, a interação dos sujeitos com os textos, que resultaram nos debates e discussões em sala de aula, nas ilustrações, no recital, no sarau e no audiolivro.

Além disso, a ludicidade promovida pelas leituras cinematográfica, ilustrativa, sensorial e emotiva, além de ampliarem a noção de leitura e aprofundarem o assunto, romperam a barreira que separa os alunos dos textos poéticos, contribuindo para a apreciação e a valorização do mesmo, bem como melhora significativa na fluência e no ritmo de leitura. O filme exibido, *Tainá, uma aventura na Amazônia* contribuiu também para ampliar o conhecimento sobre a Amazônia, favorecendo a compreensão dos poemas pelo caminho da ludicidade, bem como pela interdisciplinaridade ao ampliar a temática abordada: a Amazônia – não só como patrimônio ambiental, mas também a sua pluralidade e diversidade cultural.

Constatei também que o poema, por ser um tipo de texto não muito longo, acaba atraindo mais facilmente os alunos, contribuindo para a valorização da prática de leitura em sala de aula, bem como para estimular o gosto e a formação do leitor literário, aliado aos recursos tecnológicos como a leitura oral, gravada em celular via aplicativo tornou a ação de leitura mais atraente, integrando novas e velhas práticas didático-pedagógicas.

Em síntese, posso afirmar que os objetivos pretendidos pela metodologia multissemiótica da presente pesquisa foram alcançados: o roteiro de leitura planejado priorizou o trabalho com a leitura de poemas, mas não deixou de contemplar a multiplicidade de gêneros e suas formas de circulação, potencializando o diálogo multicultural e a inserção das inovações patrocinadas pelas tecnologias da informação e da comunicação; e, como foi diagnosticado, o conhecimento foi construído, contribuindo para a formação de leitores críticos e capazes de reconhecer as sutilezas e particularidades das construções literárias e não-literárias; responderam ao “para quê” da leitura, tornando-a significativa.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de. **Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo** / Maria Elizabeth B. de Almeida e Maria da Graça Moreira da Silva. Disponível in: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em 26/11/15.

BARBOSA, Rafael de Oliveira. **Problemas e perspectivas no estudo das práticas de leitura com audiolivros**. Disponível in: <http://www.ufrgs.br>. Acesso em 20/10/15.

BARBOSA, Rafael de Oliveira. **Um olhar sobre o audiolivro e as materialidades de seus suportes – da performance do corpo aos primeiros livros falados**. Disponível in: <http://www.ufrgs.br>. Acesso em 20/10/15.

BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas** / Vera Teixeira de Aguiar / e / Maria da Glória Bordini. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Leitura e mediação pedagógica (orgs.) [et al.]**. São Paulo: Parábola, 2012.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental:**

introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura. Vários escritos.** 3. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema.** 6. Ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** 2.ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON. Rildo. **Leitura literária: a mediação escolar** / Graça Paulino, Rildo Cosson, organizadores. – Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

CUNHA, Helena Parente. **Impregnações na floresta: Poemas amazônicos/** Helena Parente Cunha; prefácio de Geraldo Holanda Cavalcanti; apresentação Astrid Cabral; orelha de Christina Ramalho. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Biografia de Helena Parente Cunha.** Disponível em: <https://www.encyclopedia.itaucultural.org.br>. Acesso em 20/03/16.

FAZENDA. Ivani Catarina Arantes. **Práticas interdisciplinares na escola.** – 13. Ed.rev. e ampl. – São Paulo: Cortez, 2013.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças.** –3. Ed.–São Paulo: Cortez, 2012.

GERALDI, João Vanderley. **O texto na sala de aula** / João Vanderley Geraldi, organizador; Milton José de Almeida [et al.]. – 5.ed. – São Paulo : ática, 2011.

GOMES, Carlos Magno. **Língua e literatura: propostas de ensino/** organizador: Carlos Magno Gomes. São Cristovão: Editora UFS, 2009.

GOMES, Carlos Magno. **Ensino de Literatura e Cultura: do resgate à violência doméstica.** São Cristovão: Editora UFS, 2009.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil.** Disponível em: <https://www.prolivro.org.br>. Acesso em: 17/06/2016.

KLEIMAN, Angela B. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola** / Angela B. Kleiman, Silvia E. Moraes. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Intertextualidade: diálogos possíveis** / Ingedore G. Villaça Koch [et al] – 3. Ed. – São Paulo : Cortez, 2012.

LIMA, Luiz da Costa. **Teoria da literatura em suas fontes, vol. 1** / seleção, introdução e revisão técnica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MAGNANI, M. do R. M. **Leitura, Literatura e Escola: sobre a formação do gosto.** 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARIA, Luzia de. **Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores.** Petrópolis: Vozes, 2002.

MARTINS, Magda Frediani. **Projeto Educação/Temas Transversais: meio ambiente, pluralidade cultural, saúde e trabalho, ética e consumo/** Magda Frediani Martins [et al]. Disponível in: <https://www.tainá.com.br>. Acesso em

NAGAMINI, Eliana. **Literatura, televisão e escola: estratégias para leitura de adaptações.** São Paulo: Cortez, 2004.

RAMALHO, Christina Bielinski. **A poesia é o mundo sendo: o poema na sala de aula**. Revista da Anpoll, nº 36, p. 330-370, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/755/731>. Acesso em: 25/08/16.

RIOS, Eloci Peres. **Biomias brasileiros** / Eloci Peres Rios e Miguel Thompson. São Paulo : Editora Melhoramentos, 2013.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **A prática de linguagem em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2000.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Gêneros orais e escritos na escola**/ tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das letras, 2004.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo : Parábola, 2009.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Multiletramentos na escola** / Roxane Rojo, Eduardo Moura[orgs.]. – São Paulo: Parábola, editorial, 2012.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Escol@ conectad@: os multiletramentos e as TICS** / Adolfo Tanzi Neto...[et. Al].; organização Roxane Rojo. – São Paulo: Parábola, 2013.

ROVAL, Pedro Carlos. **Tainá, uma aventura na Amazônia**. Disponível in: www.tainá.com.br. Acesso em 20/10/15.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulos, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo, Brasiliense, 2012. SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. Palheira – Assafarge: Gráfica Coimbra, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola** / Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz [tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales]. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

TELES, Mary Valda. **As TIC no contexto escolar**. Disponível em: <http://www.scholar.google.com.br>. Acesso em 25/11/15.

VASCONCELOS DA SILVA, Anazildo. **História da epopeia brasileira: teoria, crítica e percurso**/Anazildo Vasconcelos da Silva, Christina Ramalho. – Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

ANEXOS

ANEXO 1

Cronograma

| METAS | MESES/ANO | | | | | | | | | | | |
|--|-----------|---|---|---|---|---|---|---|---|-----|----|----|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| Observação das turmas a serem trabalhadas no projeto | | | 6 | | 9 | | | | | | | |
| Revisão bibliográfica do tema de estudo | | | 6 | | 9 | | | | | | | |
| Elaboração de questionários | | | 6 | | 9 | | | | | | | |
| Aula de campo(visita a sítio) | | | | | 6 | | | | | | | |
| Sondagem dos conhecimentos prévios | | | | 6 | | 9 | | | | | | |
| Biografia da autora Helena Parente Cunha | | | | | 6 | | 9 | | | | | |
| Pesquisas sobre a região amazônica | | | 6 | 6 | 6 | 6 | 9 | 6 | | | | |
| Leitura cinematográfica Tainá, uma aventura na Amazônia | | | | | | | | | | | | |
| Leitura complementar: lenda da Vitória Régia | | | | | | | | | | | 9 | |
| Produção e organização de ilustrações dos poemas do livro <i>Impregnações na floresta, poemas amazônicos</i> | | | 6 | | | | | | | | | |
| Produção de um CD com os poemas do livro <i>Impregnações na floresta, poemas amazônicos</i> . | | | | | | | | | 6 | | | |
| Produção do relatório de resultados da pesquisa | | | | | | | | | | 6/9 | | |

***9: 9º ano maio a dezembro de 2015.**

***6: 6º ano março a setembro de 2016.**

ANEXO 2

Poemas do livro *Impregnações na floresta, poemas amazônicos* de Helena Parente Cunha citados na pesquisa:

NOSSO NAVEGAR

A ponta da proa
De nosso barco
Aponta as direções
E as dimensões
De nosso navegar
Que flui
Ou tropeça nos igarapés

Vamos suspensas
No fino suspiro
Do respirar vegetal
De nossas fáceis narinas

FLORESTA IMAGINADA

A floresta tão falada
Fotografada e filmada
Estudada e propagada
Todo dia ano após ano
Se oculta e se reinventa

Para abrir novos olhares

Etéreos imaginares

Impossíveis decifrares

(p.37)

As Amazonas

Onde estão as Amazonas
Que não trancaram os portais
Contra a fúria de invasores?
E não armaram emboscadas
Para expulsar vendilhões?

Onde estão as Amazonas
Que não salvaram a memória
Da cidade submergida?

Em qual recanto e desvão
De caminhos submarinos
Se quedaram recolhidos
Os vetustos pergaminhos
E os arquivos sobrevivivos
Remanescentes de antes
Do antecedente desígnio?

Onde estão as Amazonas
Que não deixaram os relatos
Daqueles tempos tão idos
Aqueles tempos molhados

Dissolvidos na enxurrada?

Onde o registro ficado

Daquele tão tempo sido

Vaga longínqua distância

De nosso agora estar sendo?

Onde as aves onde as flores

Afogadas nos jardins

Que ainda repercutem

Pelas esquinas das matas

Sobrevivência do viço

Na duração das sementes?

Em que página foi escrito

O nome do Rei da cidade

E o endereço do palácio

Que a história não resguardou?

Onde estavam as Amazonas

Guardiãs do Fogo Sagrado

E defensoras dos muros

Das muralhas e portões

E das portas sempre abertas

Nos cenários da cidade?

Onde ficaram selados

Registros de lutas e guerras

E dos tratados de paz

E meandros do pensamento

Dos cantos canções poemas

E do lúgubre cantar de adeus

À ausente cidade afogada?

Quem nos dirá onde achar

Sob as camadas de areia

O verde reverberar

Do obelisco de esmeralda?

Onde estavam as amazonas

Que não acusaram o porquê

Do aluvião subitâneo?

II

Em que matas margens de rios

Vivem agora as amazonas?

Em que pouso ou fortaleza

Se ocultaram

As destemidas guerreiras?

Nós vamos buscando seus rastros

Protetoras dos deuses das matas

Defensoras das deusas dos rios

Troncos e ramos e ninhos

Ainda guardam as ressonâncias

Do zunir das flechas

Furando o vento

Do tropel dos cavalos

Cavando o chão

Nas aladas correrias

Pelo intrincado da mata cerrada

Interdição ou comando

E destino ou maldição

Por aqui ninguém passará

Nem agora nem depois

Mas nós vamos prosseguir

Coladas no mesmo eco
E no vestígio dos passos
Gravados em pedra e terra
E nos resquícios dos indícios
Impregnados nas ramagens
E na memória escorregadia

Onde estão as Amazonas
Do recente aprendizado
Diferente soletrar
Nova leitura do escrito
Inédito olhar de ver
O ser povo da floresta
E muito mais ser pessoa?

Quando sempre e não jamais
Neste agora recém-vindo
Livre do antigo futuro
Onde e ainda as Amazonas?

DE VOLTA PARA JUREMAR

Vamos de volta

Para Juremar

Vamos a pé

Vamos de barco

Ou cavalgando

Nossas montarias

Cabelos cílios e crinas

Matagais e cipoais

Levados no mesmo vento

E vento mesmo

Que nos levou

Quem nos dirá

Da invisível distância

Entre lá depois de aqui

Entre onde antes de aonde?

Entre chegar a Juremar

E voltar

Antes de chegar?

Qual a distância
Entre o vento que nos leva
E o vento que não nos traz?
Quem vai de volta?
Quem vai sem ir
Para Juremar?

NA CABANA DO PAJÉ

E era o Pajé

E a cabana

E os índios

E éramos nós

À procura do que era

E do que é

À procura do que era

E do que é

E do que não era nem é

No desvenda dos caminhos

No decifrar dos abismos

Éramos a espera de ver

No olhado e no visto

O renovado invisível

E a espera de ouvir

No escutado desgastado

O inaudível liberado

De palavras não havidas

E cantos jamais cantados

II

Nós subimos
Pelos degraus de terra
E cipó
Tropeços de pedras
Engasgos de raízes
E imprevistos de declives

No alto do seu cocar
O Pajé senhor e dono
Abrangia as extensões
E as dimensões da amplidão
Além das fronteiras previstas
Aquém dos limites sabidos

III

Esta é a cabana
E dele o sorriso
Na majestade das rugas
Onde o tempo deixa inscrito
O roteiro do labirinto
Entre um aqui
E outro ali

IV

Ao calor das antigas sementes
Os rumores errantes das contas
Nos colares deles e delas
Nos chamavam
Para mais perto
E mais por dentro de nós

V

As mãos do Pajé
Repletas de sons e sussurros
De entre-folhas e ramagens
Perpassavam o contorno
Do nosso alento e do corpo

Quando ele nos fitava
Avançava
Por nossos desfiladeiros

Quando falava
Avançava
Por nossos desfiladeiros

Quando falava
As palavras deslizavam
E escorriam
Nas águas do não dizível

VI

Os sons compridos das flautas
Se cumpriam nas lembranças
De derrotas e vitórias
Nas tantas guerras remotas
E insônias de prontidão
Os sons densos dos tambores
Se alçavam
De ignotas profundezas
E do âmago
De nossas entranhas pulsantes

VII

Os fundos cantos dos índios
Nos acordavam
De esquecimentos perenes
Mas nos deixavam à tona
Do arcaico mundo perdido

A batida dos pés descalços
Na terra do chão dançado
Ecoava segredos guardados
Nas vozes dos antepassados

VIII

Na branda pausa da cabana
Estávamos nós
Junto ao perto da fogueira
E estalidos de resinas
E odores purificadores
Que nos caminhavam
Por longínquos portais
De silêncio e distância

E ali
Na cabana do Pajé
Casulo e ninho
E impregnações da floresta
Nós
Suspensas
No efêmero fio
Da fumaça dos incensos

E integradas
No elo invisível
Das amplidões
Que se expandiam
Em nós
Naquele nosso estar ali
E no ser nosso além de nós

ANEXO 3

1. TRABALHO DE ALUNO

Resumo da lenda A vitória régia (informações retiradas de textos da internet: pesquisa)

Lenda indígena, que conta a história de Naiá, jovem indígena apaixonada por Jaci, a lua, que de vez em quando descia à terra e levava consigo alguma índia virgem para transformá-la em estrela do céu.

Conta a lenda que os índios mais experientes alertavam Naiá, no entanto a jovem índia não se importava. Essa paixão virou obsessão e Naiá já não queria comer e não dormia, passava as noites admirando a lua.

Numa noite em que o luar estava muito bonito, a moça chegou à beira de um lago, viu a lua refletida no meio das águas e se atirou em direção à imagem, acreditando que a lua havia descido do céu para se banhar ali; ao perceber que se tratava de uma ilusão, tentou voltar, porém não conseguiu e morreu afogada.

A lua comovida pela situação, resolveu transformá-la em uma estrela diferente, uma estrela das águas, a flor Vitória Régia. (Disponível in: <https://m.brasilecola.uol.com.br>. Acesso em 01/10/2016)

2. TRABALHO DE ALUNO

Pesquisa em livros:

A Amazônia

Dados retirados do livro *Geografia de Dona Benta* de Monteiro Lobato

O rio Amazonas deságua no Atlântico e é considerado o maior rio do mundo, tanto em extensão como em volume de água. Nasce no Peru, depois que engrossa passa a chamar-se Marañon, até a fronteira do Brasil; nesse ponto toma o nome de Solimões, até receber as águas do rio Negro, e só daí por diante é Amazonas. Possui numerosos afluentes, como o Javari, o Tefé, o Madeira, o Purus, o rio Negro, o Tapajós, o Xingu, o Tocantins, o Pará e numerosos outros menores.

Possui uma bacia hidrográfica de 5 milhões de quilômetros quadrados, abrangendo os estados do Amazonas e do Pará, parte de Mato Grosso, da Colômbia, do Equador, do Peru e da Bolívia – e ainda o território do Acre, que é um pedaço de terra do Brasil entre o Amazonas, a Bolívia e o Peru. O Amazonas e seus afluentes formam estradas naturais, permitindo que as embarcações venham de muito longe em procura do oceano Atlântico.

Existem em suas águas mais de quinhentas espécies de peixe, dentre eles o peixe-boi que por ser muito apreciado, sofre risco de extinção; há também enormes quantidades de tartarugas que hoje são protegidas por lei, pois o consumo de sua carne e de seus ovos quase levou algumas espécies à extinção. Desses ovos, os amazonenses fazem a manteiga de tartaruga, uma gordura empregada pelas cozinheiras amazonenses.

Nas matas cresce uma árvore enorme, que também fornece alimento e dá dinheiro é o castanheiro, produtor da castanha-do-pará, conhecida no mundo inteiro como castanhas-do-brasil. Os amazonenses juntam as castanhas que caem das árvores e levam-nas pelo rio até a cidade de Belém, capital do Pará. Em Belém os navios as tomam para transportá-las aos países consumidores.

Outra árvore de grande importância na bacia amazônica é a seringueira, produtora da borracha. A borracha é o leite dessa árvore. Os seringueiros fincam na casca da árvore uma pequena vasilha e dão um corte de machadinha em cima, de modo que o leite escorra. Depois recolhem num tacho o leite juntando em numerosas dessas vasilhas e o coagulam, obtendo assim blocos de borracha bruta.

A borracha constitui uma das indústrias da zona, e tempo houve em que era uma grande indústria. Por muitos anos a Amazônia foi a única fornecedora de borracha para o mundo inteiro.

A Amazônia tem uma fauna riquíssima. Passarinhos de todas as cores, araras, mutuns, uirapuru, onças-pintadas e negras, antas, capivaras, pacas, cutias, tamanduás, preguiças, veados, cobras, jacarés, borboletas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

LOBATO, Monteiro. **Geografia de Dona Benta** / Monteiro Lobato; Ilustrações Roberto Fukue. Ed. Comentada. São Paulo: Globo, 2013.

3. TRABALHO DE ALUNO

Pesquisa em livro:

A lenda do Curupira

Diz a lenda que o Curupira, um indiozinho com os pés voltados para trás e protetor das florestas e dos seus habitantes, um dia estava andando distraidamente pela floresta, quando viu uma cena que lhe cortou o coração. Um caçador estava escondido entre as árvores esperando mais uma de suas vítimas, uma onça pintada. Então o Curupira saltou no meio da clareira, bem na frente do destruidor da natureza e a única coisa que se pode ouvir foi o grito do Curupira: “– *Caçador saia daqui com ligeireza ou te transformo em sobremesa*”.

O caçador nem podia acreditar naquilo que seus olhos viam: o Curupira estava ali com seus cabelos da cor do fogo, todo arrepiado. E pulava de um lado para o outro, soltando assovios ensurdecedores por entre seus dentes. E assim o caçador foi logo aceitando o conselho do Curupira. Abandonou a espingarda e... pernas pra que te quero. Dizem que ele está correndo até hoje!

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

GOUVEIA, M. Elizabeth R. de. **Curupira**. Erechim/RS: Edelbra Editora e livraria Brasileira Ltda

4. TRABALHOS DE ALUNOS

PESQUISA NA INTERNET SOBRE A AMAZÔNIA

Resumos produzidos a partir de textos retirados da internet

4.1. Aspectos geográficos da Amazônia

O Estado do Amazonas atrai interesse mundial, devido à riqueza natural inserida em seu território, no qual se encontra um Patrimônio Natural da Humanidade, a Amazônia.

A estrutura geológica presente na região da Floresta Amazônica é oriunda de fenômenos geológicos ocorridos ao longo de milhões de anos que consolidou a formação de depressões e planícies, que são características predominantes em praticamente todos os estados que fazem parte da Amazônia. No Estado, os lugares de maiores altitudes localizam-se nos Planaltos Residuais Norte-Amazônicos, nesses planaltos as altitudes possuem uma média de 1.200 metros, é justamente nessa porção de relevo que prevalece os pontos mais elevados do Brasil, tais como o Pico da Neblina com 3.014 mil metros e o 31 de março, com 2.992 mil metros, localizados na fronteira com a Venezuela.

No Brasil, o clima predominante é o tropical, já no Estado do Amazonas o que prevalece é o equatorial, proveniente da proximidade com a linha do Equador. O clima Equatorial é caracterizado por elevadas temperaturas e altos índices pluviométricos, isso é decorrente das altas temperaturas que provocam uma grande evaporação e que mais tarde se transformam em chuvas. As estações do ano são distintas e uma amplitude térmica anual alta. As chuvas são periódicas e bem distribuídas ao longo do ano.

A temperatura média no Estado atinge 31,4°C, os índices pluviométricos variam de 1.750 mm e 3.652mm e a umidade relativa do ar anualmente varia de 80 a 90%. A estação seca decorre em um curto espaço de tempo, nessa época os índices pluviométricos chegam a 60 mm mensais. Devido à grande quantidade de calor e umidade a cobertura vegetal presente apresenta uma complexa e rica diversidade na composição da flora do Estado do Amazonas. Após anos de pesquisas ficou constatado que a Floresta Amazônica sofre variações,

portanto, pode ser classificada de acordo com as características particulares de determinados locais, desse modo, os principais tipos de composição vegetativa são Mata de Igapó, Mata de Várzea e Mata de Terra Firme. De acordo com a classificação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a Floresta Amazônica está classificada em: Floresta Ombrófila Densa (Floresta Pluvial Tropical), Floresta Ombrófila Aberta (Floresta de Transição), Savana, Cerrado, Campo, Campinarana, formações Pioneiras de influência fluvial (vegetação aluvial) e Área de tensão Ecológica.

O Estado do Amazonas possui em seu território o rio de maior volume de água do mundo, o Amazonas.

O rio Amazonas possui 6.570 quilômetros de extensão, e o volume de 100.000 metros cúbicos. Esse rio nasce na Cordilheira dos Andes no Peru, o Amazonas forma a partir da junção de dois grandes rios, o Solimões e o Rio Negro, após esse processo o rio atinge 10 quilômetros de largura e sua profundidade pode alcançar cerca de 100 metros.

Somente a Bacia do Amazonas representa, aproximadamente, 20% de toda reserva de água doce do mundo. O Estado do Amazonas é banhado por uma infinidade de rios interligados, formando uma rede hidrográfica integrada, dos quais se destacam os rios Purus, Juruá, Iça, Vapés, Negro, Madeira e Solimões. A hidrografia do Estado é de extrema importância no transporte hidroviário, economia, atividade pesqueira entre outros.

Disponível in: <https://www.portalamazonia.com.br>. Acesso em 25/11/15.

4.2.Desmatamento da Amazônia

Os impactos ambientais são desequilíbrios existentes no meio ambiente causados pelo encontro do homem com a natureza.

São muitos os que afirmam a riqueza desse bioma. Por isso, são retirados da Amazônia quantidades expressivas de uma série de materiais, alimentos, recursos e produtos naturais provenientes desse ecossistema. Sem o correto manejo de algumas matérias primas corremos o risco de tornar estes recursos naturais cada vez mais escassos.

Não se deve generalizar e dizer que isto só acontece devido aos crimes ambientais noticiados pelos meios de comunicação como a captura ilegal de animais e plantas, prejudicando a biodiversidade. Em um ambiente complexo como esse, a derrubada e queima de árvores e do solo, o plantio de outras plantas e o uso de agrotóxicos, a criação de gado são fatores que contribuem para a perda desse bioma rico e importante.

Com essas ações humanas, os solos começam a ficar cada vez mais pobres em nutrientes e contaminados com substâncias provenientes da extração do ouro, as erosões começam a se intensificar e áreas que não eram alagadas, passam a ser. Rios começam a absorver substâncias diferentes além do normal, solos são atingidos pelo sol e pelos ventos e, em consequência, o clima de outras regiões começa a mudar. Além disso, como a floresta é um grande estoque de CO², com o desmatamento elas liberam quantidades expressivas do gás para a atmosfera agravando assim o efeito estufa. Com o corte de árvores ocorrem incêndios florestais, pois as árvores de grande porte constituem uma barreira de proteção contra incêndios. Calcula-se que 17% da área está devastada ou ocupada.

Na chegada dos europeus, apenas 1% da área estava desmatada, hoje, a Floresta Amazônica tem sofrido com diversas infrações que prejudicam o ecossistema existente. Apesar de empresas investirem em pesquisas, formularem leis para a preservação amazônica e criar acordos internacionais percebe-se que a realidade da floresta é preocupante. Os problemas estão em todos os lugares. Milhares de espécies são ameaçadas com a poluição, a caça e pesca predatória.

Entre os animais ameaçados de extinção estão o Gavião-real, um animal forte e considerado pelos indígenas a mãe dos pássaros e espírito da floresta. Segundo os dados do IBGE há 218 espécies em extinção em todo o estado brasileiro. Isso acontece não somente por causa da captura desenfreada de animais, mas pela destruição de seu habitat natural, a poluição, o desmatamento no Brasil, entre outros fatores.

Desmatamento na Floresta Amazônica

Desde o início da colonização, o homem tem extraído seus recursos na busca por especiarias. Por causa do aumento da população e a construção de rodovias, as florestas foram as mais atingidas. Sem um planejamento adequado, muitos fazendeiros ou famílias não usam os recursos de uma forma correta. Enquanto, o índio só provocava desmatamento em áreas necessárias a sua alimentação, não removendo os tocos das árvores ou danificando o solo, os fazendeiros na agricultura e fábricas clandestinas causam a derrubada de madeira ilegal. Os focos de incêndios na Amazônia aumentam cerca de 50% ao ano. Órgãos como o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) utiliza sistemas para monitorar estas áreas.

Além disso a ocupação e uso dos solos provenientes do crescimento populacional causam:

- Aparecimento de diversas doenças;
- Contaminação dos rios; depósitos de lixo;
- Falta de saneamento básico;
- Mau uso da agricultura;
- Favorecimento às mudanças climáticas.

Enfim, são diversos fatores que de uma forma ou de outra contribuem para o aparecimento dos impactos que o homem vem causando no ambiente amazônico. O fato é que um bem tão valioso está morrendo aos poucos.

Disponível in: <https://www.infoescola.com>. Acesso em 16/08/16.

4.3. O que é a biopirataria?

Biopirataria é o contrabando de produtos da flora e da fauna amazônica, mas também o uso e domínio dos conhecimentos oferecidos pelas populações existentes na Floresta Amazônica.

Lista de plantas brasileiras que foram patenteadas por empresas internacionais:

- **Açaí**, registrado em 2003 no Japão e cancelado pela pressão das Ongs.
- A **Andiroba** patenteada por empresas, no Japão, na França e também na União Europeia.
- O **Cupuaçu** registrado no Japão pela empresa Asahi Foods e Body Shop, inglesa, entre outros produtos.

Os biopiratas, geralmente identificados como turistas e pesquisadores, contrabandeavam estes recursos sem serem descobertos e logo em seguida se apropriavam. A falta de fundos a pesquisa e de incentivos pelo Governo Brasileiro, trouxe pesquisadores de fora e o interesse internacional pela Amazônia.

Disponível in: <https://www.infoescola.com.br>. Acesso em 12/09/16

4.4.Biografia de Chico Mendes

Chico Mendes nasceu no dia 15 de dezembro de 1944 no seringal Porto Rico, próximo à fronteira do Acre com a Bolívia, em Xapuri, estado do Acre. Desde criança, ele acompanha seu pai na floresta e tornou-se seringueiro aos onze anos de idade.

A partir de 1969, Chico iniciou sua luta pela autonomia dos seringueiros de Xapuri encontrando aliados na igreja católica e sindicalistas que chegaram à região nos anos '70; organizou várias ações em defesa da posse da terra e participou da fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, tornando-se secretário geral, em 1976. No ano seguinte, foi eleito vereador pelo MDB e recebeu as primeiras ameaças de morte. Fundou um novo sindicato dos trabalhadores rurais em Xapuri.

Em 1976, sob a liderança de Wilson Pinheiro, os seringueiros inventaram os “empates às derrubadas”: eles reuniam suas famílias, iam para as áreas ameaçadas de desmatamento, desmontavam os acampamentos dos peões e paravam os motosserras. Em decorrência desse movimento de resistência, em 1980 Wilson Pinheiro foi assassinado dentro da sede do Sindicato, em Brasiléia.

Em 1983 Chico foi eleito presidente do STR de Xapuri e intensificou sua luta pelos direitos dos seringueiros, pela defesa da floresta e pela luta política contra a ditadura e pelos direitos dos trabalhadores.

Chico Mendes recebeu vários prêmios nacionais e internacionais por sua luta em defesa dos seringueiros e do meio ambiente. Após sua morte, foram criadas reservas de extrativistas e projetos de assentamento de extrativistas.

Disponível em: <http://memorialchicomendes.org/chico-mendes>.<http://www.brasil-turismo.com/acre/chico-mendes>. Acesso em 15/08/16

ANEXO 5**MODELO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS NA COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA****QUESTIONÁRIO 1**

Questionário base para conhecer o caminho de leitura do educando.

Título do projeto:

Pesquisador responsável:

Orientador:

Instituição/Departamento:

Telefones para contato:

Discente (identificação opcional): _____

1) você gosta de ler? () sim () não

2) para você, a leitura é importante porque: (Pode assinalar mais uma alternativa)

- Ajuda a soltar a imaginação () Sim () não
- Estimula a criatividade () Sim () não
- Alimenta o vocabulário () Sim () não
- Facilita a escrita () Sim () não
- Ajuda na vida profissional () Sim () não
- Melhora a comunicação com os outros () Sim () não
- Amplia o conhecimento geral () Sim () não
- Desperta o senso crítico () Sim () não
- Outros motivos. Cite-os: _____

3) Qual a frequência de suas leituras

() diariamente

() Semanalmente

() mensalmente

() quando tem tempo livre

4) Que tipo de leitura você mais gosta?

() Revista

() Jornal

() Romance

() História em quadrinhos

() Livro didático

() Livro de poemas

() Livro infanto-juvenil

5) no colégio existe uma biblioteca. Você a frequenta? () Sim () não

6) A escola incentiva a leitura? () Sim () não

7) Qual sua idade?_____

8) quais foram os livros que você já leu?

QUESTIONÁRIO 2

Registro de comentários sobre a leitura do livro *Impregnação na floresta, poemas amazônicos* de Helena Parente Cunha

1. Você gostou dos poemas deste livro?

() Sim () não

2. De qual(is) poema(s) você mais gostou?

3. Essa obra contribuiu para inspirá-lo a ler outros poemas?

() Sim () não

ANEXO 6**Fotos ilustrativas do desenvolvimento do projeto de pesquisa**

Cabana flutuante (exemplo de moradia amazonense): maquete construída com isopor

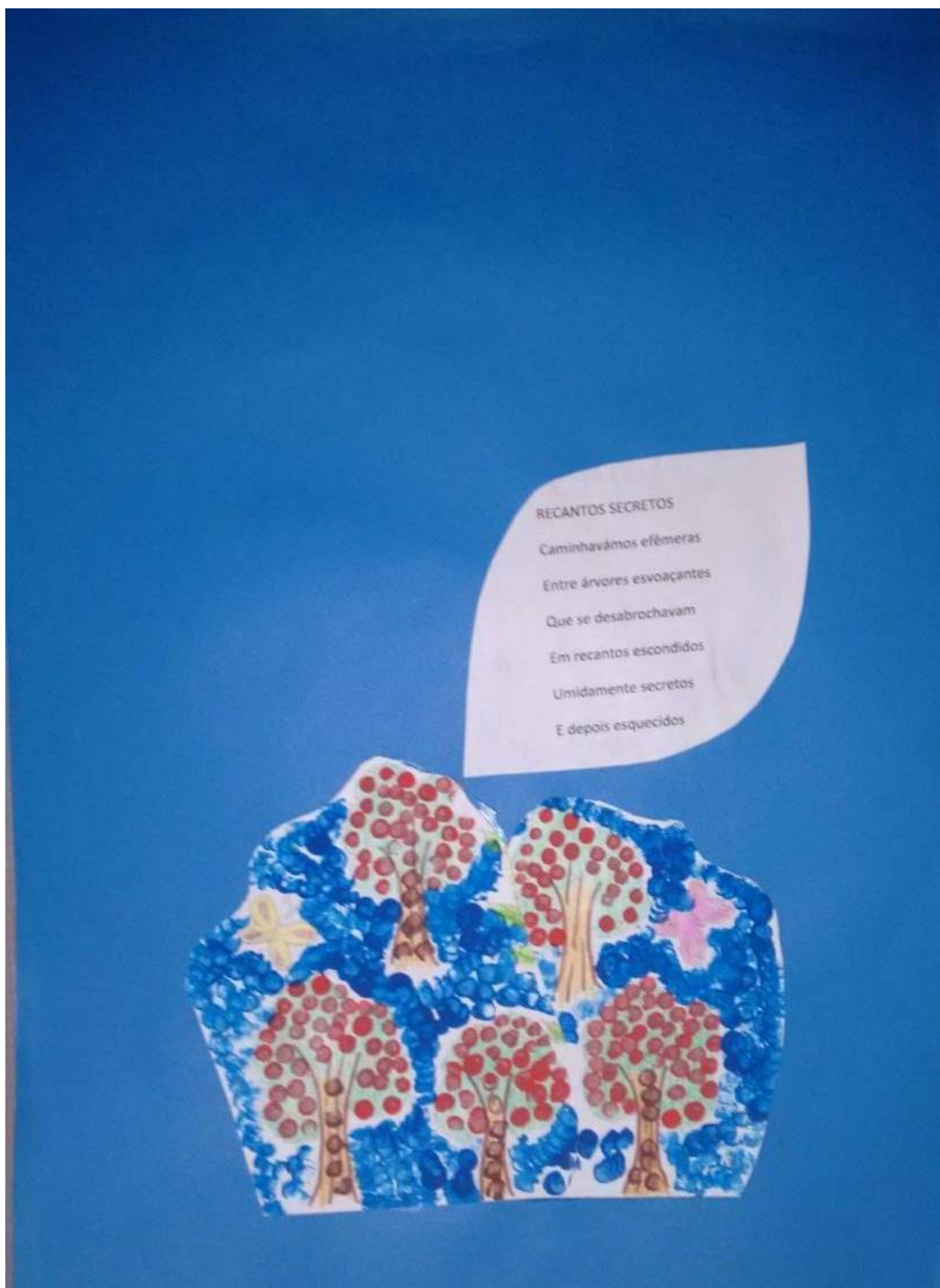


Ilustração do poema "Recantos secretos"(pontilhismo e colagem)

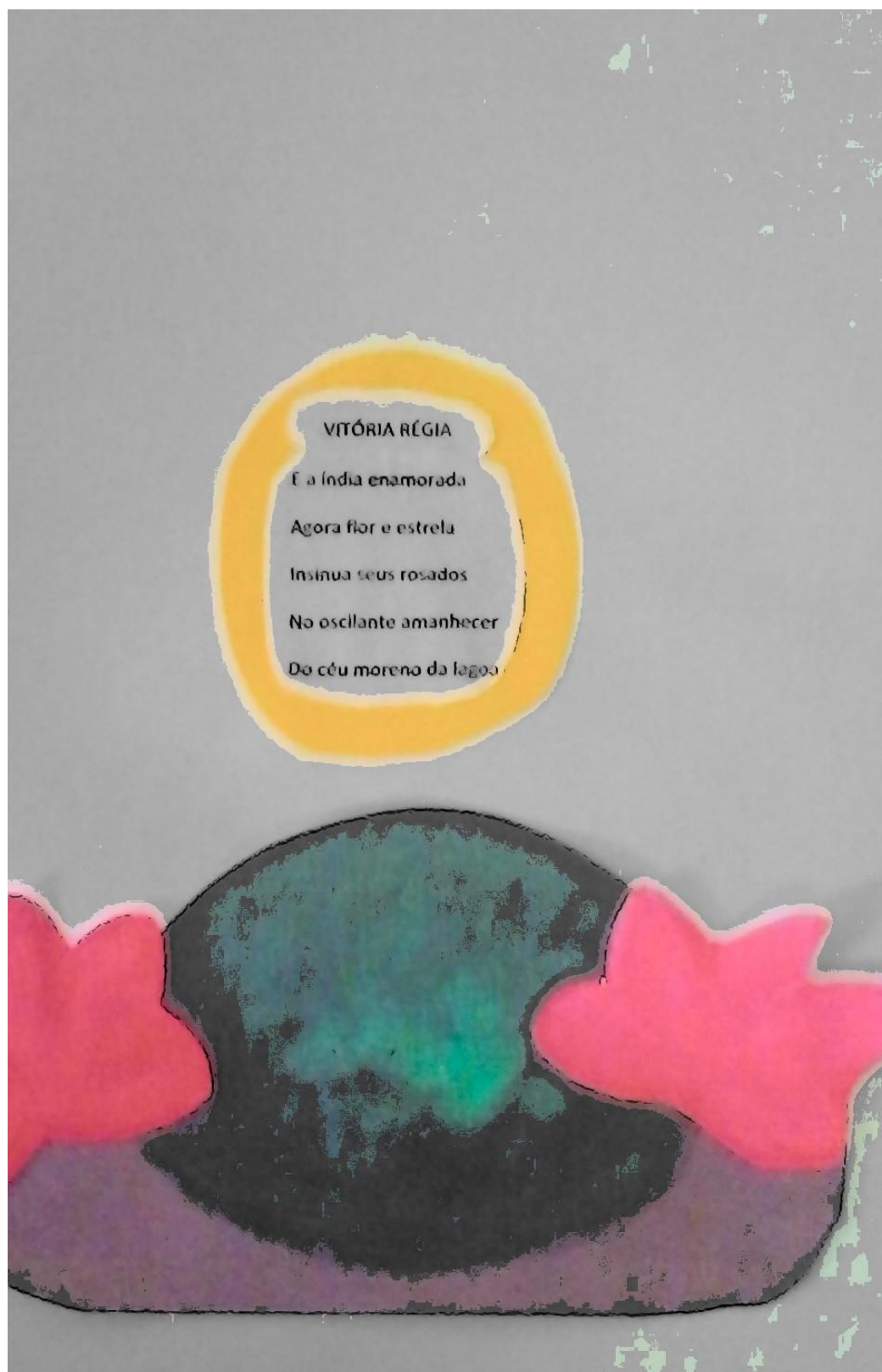


Ilustração do poema "Vitória régia"(pintura e colagem)

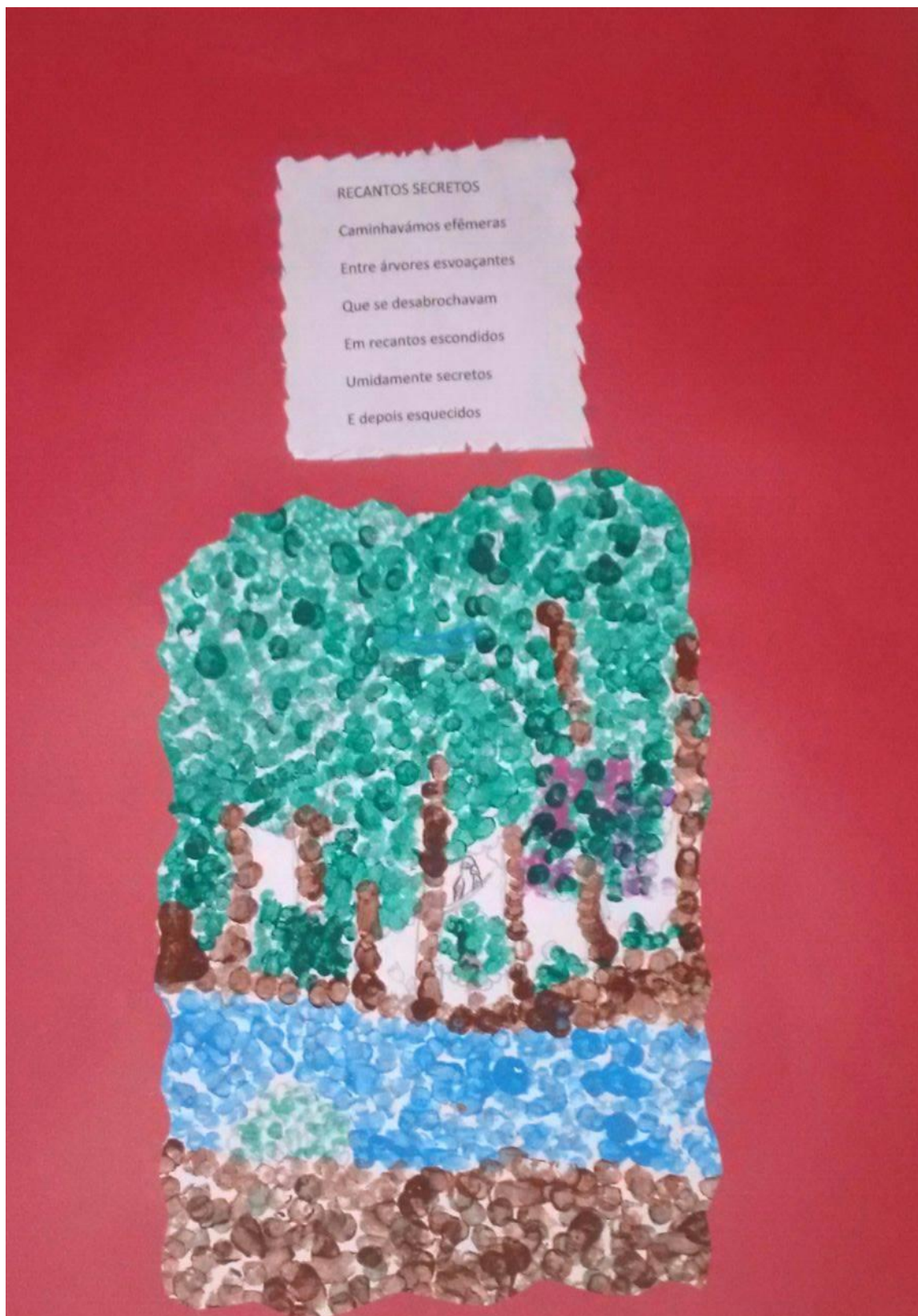


Ilustração do poema "Recantos secretos" (pontilhismo e colagem)

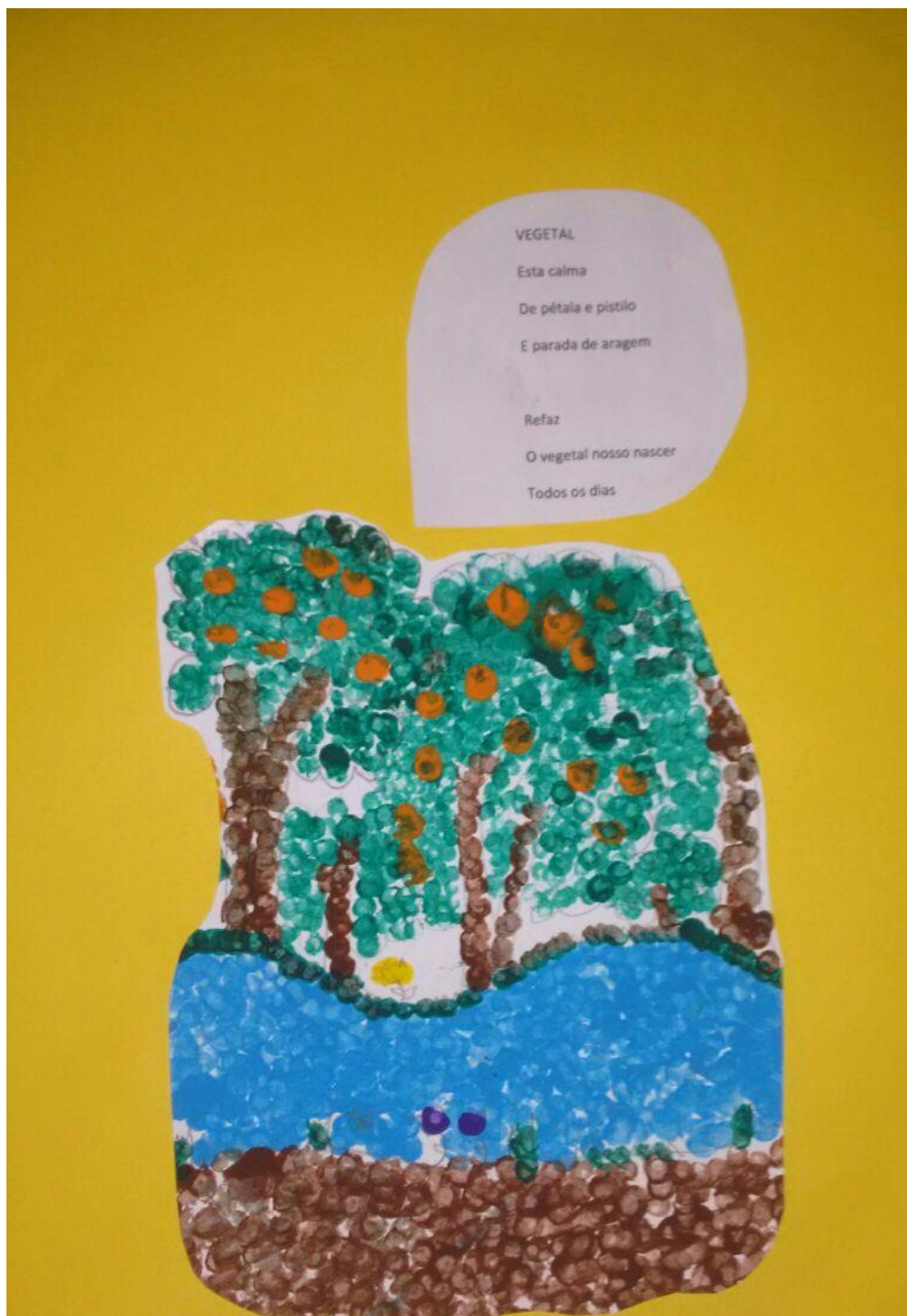


Ilustração do poema “Vegetal” (pontilhismo e colagem)

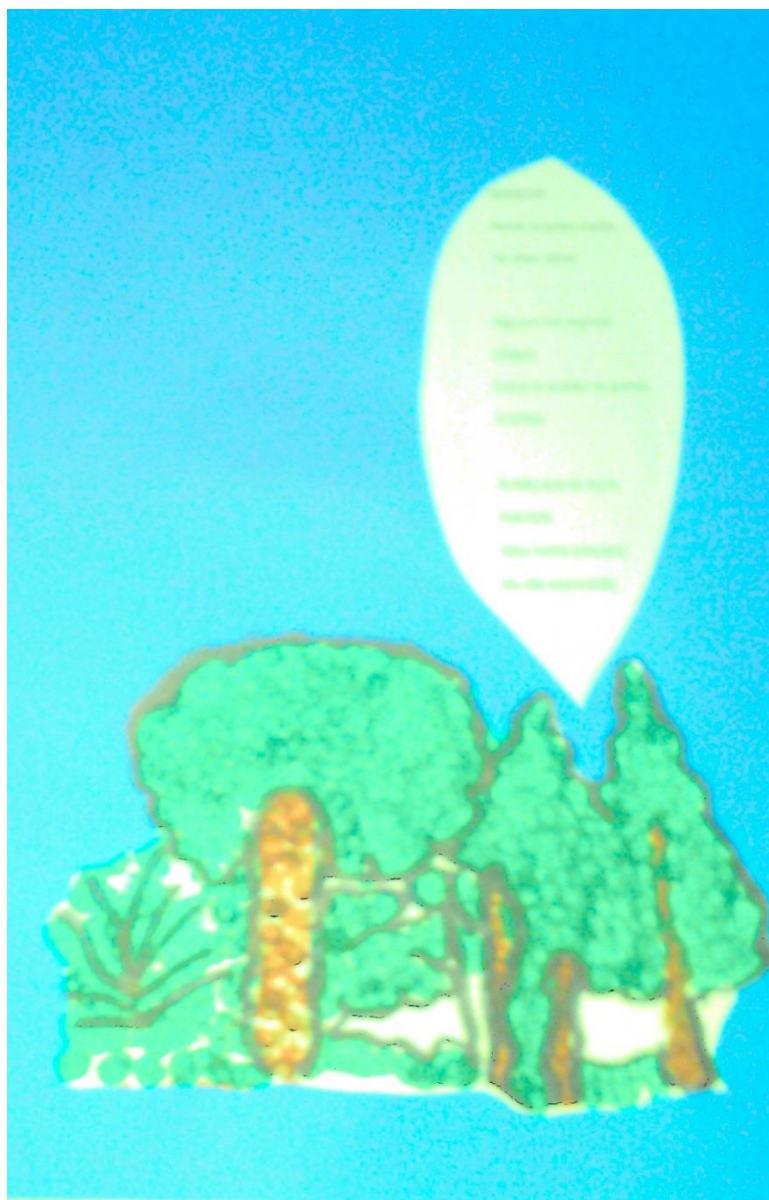
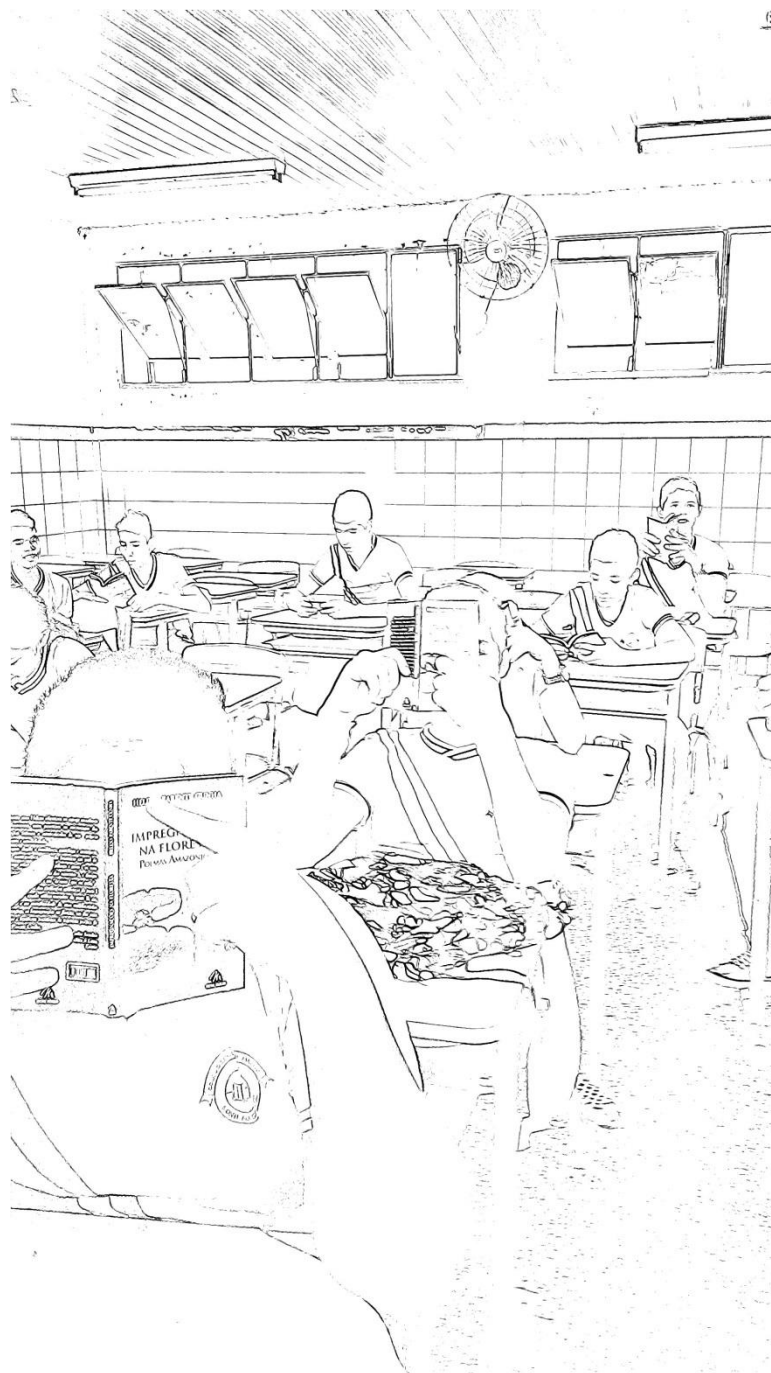


Ilustração do poema “Vegetal” (pontilhismo e colagem)



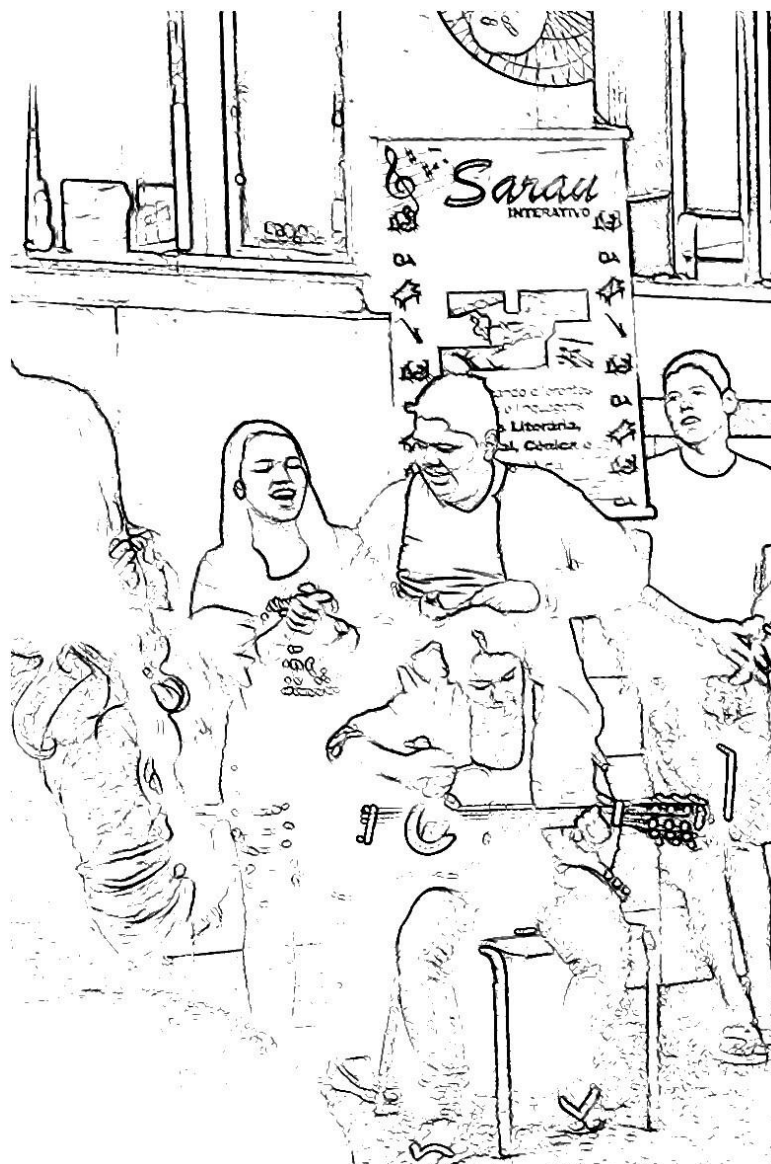
Leitura em sala de aula



Leitura em sala de aula



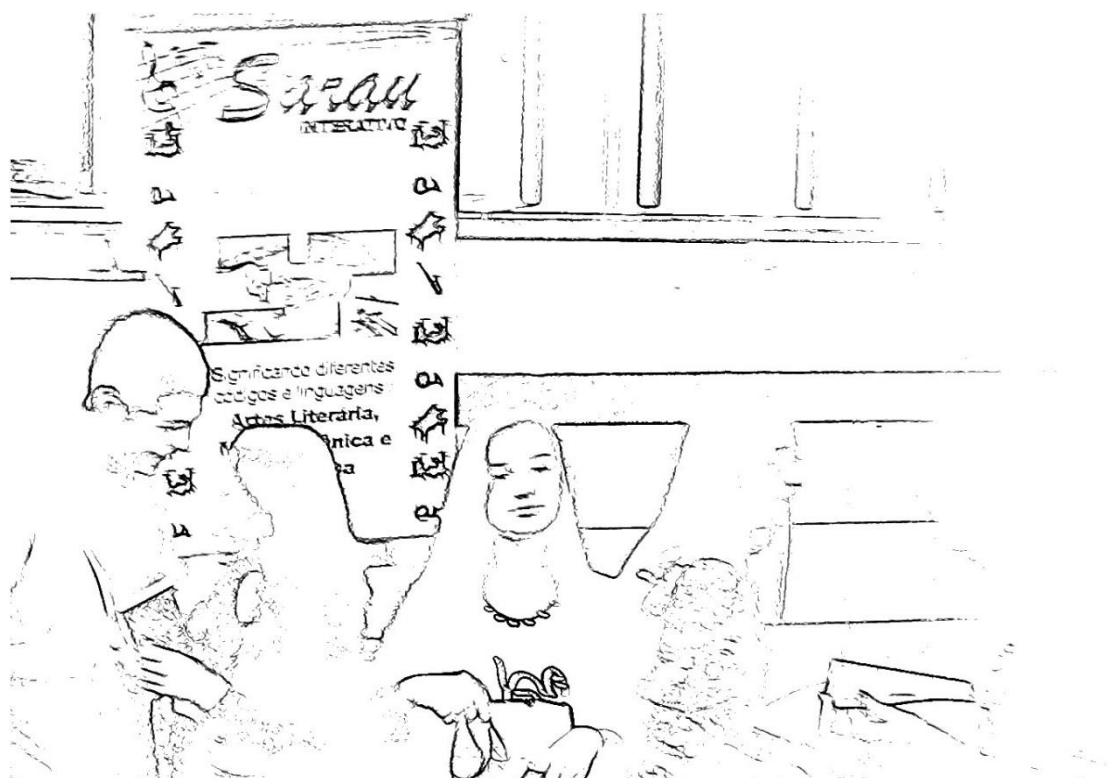
Recital em um sítio da comunidade



Realização de sarau



Recital realizado em um sítio da comunidade



Realização de sarau